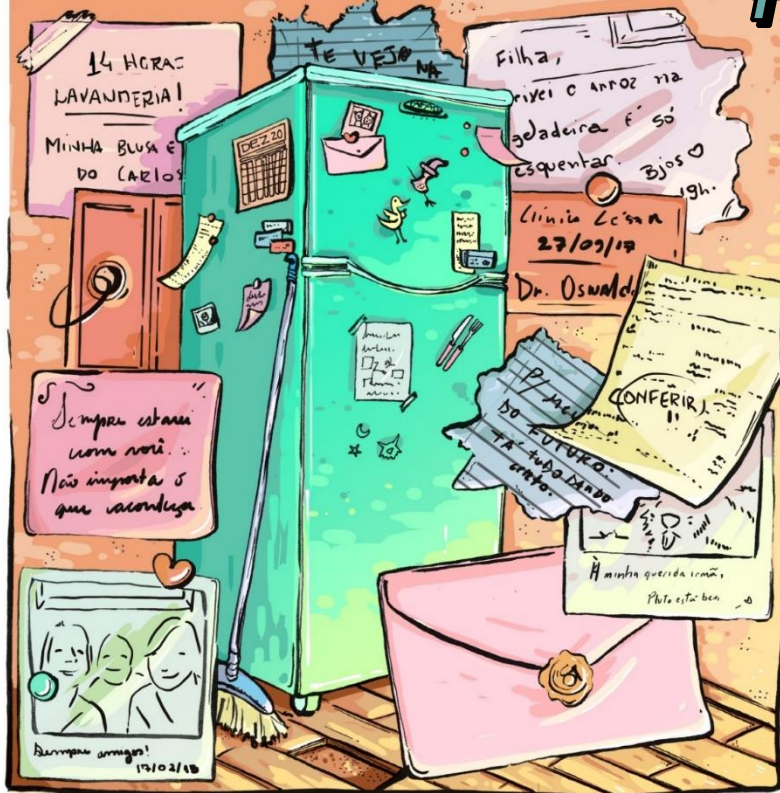


REVISTA LITERÁRIA

ALCATEIA

#5



DEDICATÓRIA: PARA QUEM
ESCREVE?

REVISTA LITERÁRIA ALCATEIA

[HTTPS://REVISTAALCATEIA.COM.BR](https://revistaalcateia.com.br)

EDIÇÃO 5 • DEDICATÓRIA

117 PÁGINAS • DEZEMBRO DE 2020

REDAÇÃO

CLAUS A. CORBETT

JULIA HELENA DE OLIVEIRA

MARIANA LIO

PAULA CRUCIOL

SUSANA AGNES SANTOS

VINÍCIUS E. RUSSI

REVISÃO

CLAUS A. CORBETT

PROJETO GRÁFICO

PAULA CRUCIOL

CAPA E ILUSTRAÇÕES

MARIANA LIO

CONTATO

[HTTPS://REVISTAALCATEIA.COM.BR](https://revistaalcateia.com.br)

INSTAGRAM @REVISTAALCATEIA

TWITTER @REVISTAALCATEIA

FACEBOOK /REVISTAALCATEIA

ALCATEIAREVISTA@GMAIL.COM

LICENÇA DE PUBLICAÇÃO

LICENÇA PÚBLICA CREATIVE COMMONS ATRIBUIÇÃO SEM-DERIVAÇÕES
4.0 INTERNACIONAL

[HTTPS://CREATIVECOMMONS.ORG/LICENSES/BY-ND/4.0/DEED.PT_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-nd/4.0/deed.pt_BR)

MAIS INFORMAÇÕES NO FINAL DA REVISTA

é uma iniciativa de artistas cujo objetivo consiste em proporcionar aprendizado coletivo, troca de informações, opiniões, compartilhamento de experiências e diálogo entre produtores de texto. Para nós, o texto pode ser constituído tanto de palavras quanto de imagens, sendo ferramenta poderosa de expressão, e a interpretação de textos e a leitura vão além de reconhecimento e decodificação.

Por meio dos nossos artigos, publicados a cada dois meses na revista, abordamos assuntos relacionados a criatividade, originalidade, estratégias narrativas, construção textual e diversas outras reflexões sobre a produção artística, incentivando leitores, escritores e ilustradores a desenvolverem as próprias habilidades textuais. Dessa maneira, a produtividade artística e a leitura se tornam práticas mais coletivas e colaborativas, fazendo escritores e artistas (lobos solitários) encontrarem um grupo de suporte e incentivo (alcateia).

A Alcateia também publica originais submetidos por e-mail em suas edições, encorajando o compartilhamento de produções autênticas e construindo um espaço de feedback e crescimento individual, sendo não só revista como também coletivo. Acreditamos que dar e receber opiniões sobre nossos textos é o que nos faz desenvolvermos nossa produção e nos tornarmos artistas ainda melhores. Os originais são tanto palavras quanto imagens, poemas, prosas e ilustrações — textos — que se encaixam nos temas de cada edição.

Esta edição é sobre dedicatórias; para quem você escreve?



SUMÁRIO

PARA QUEM VOCÊ ESCREVE?	• 08
A QUEM VIU O QUE HAVIA NA GAVETA	• 11
À HISTÓRIA QUE SE CONTA AO AUTOR	• 17
ÀQUELES COMO EU	• 25
AOS PARASITAS, QUE CRIARAM ESTEREÓTIPOS	• 33
ÀQUELES PARA QUEM PRODUZIMOS	• 41
ÀQUELES QUE BUSCAM A DIVERSÃO	• 49
 ORIGINAIS	
DEDICATÓRIA	• 58
O POETA	• 60
DEIXA	• 61
[ILUSTRAÇÃO SEM TÍTULO]	• 65
OI	• 67
PANCADAS DE CHUVA	• 70
ÍNDICE REMISSIVO	• 73
UM PEQUENO PEDAÇO DE PAPEL	• 76

PARA BERNARDO DRUMMOND • 86

HOJE EU DECIDI QUE TE AMO • 94

TEXTANDO: DICIONÁRIO FELINO • 101

PARA QUEM VOCÊ ESCREVE?

•

Sempre criamos para alguém, por alguém. A essência da arte é essa: fazemos para que alguém veja, leia, jogue, aprecie. Mesmo quando não pensamos em alguém específico, há a vaga ideia de um perfil de pessoa que gostará do que estamos fazendo. Mesmo quando queremos que todos se sintam desconfortáveis, estamos pensando em como isso será para nós. Sempre dedicamos aquilo que criamos a alguém - ou a uma ideia de alguém.

Quando ainda era uma semente, um plano, a Alcateia era por nós, para nós e para todos os outros lobos solitários no meio da multidão. Era um esforço exploratório sem sabermos exatamente onde queríamos chegar. Nesse processo de atividade criativa, aprendemos muito e nos desenvolvemos enquanto artistas ao entender a conexão entre quem somos e o que criamos ou consumimos e ao vislumbrar a infinitude do que é texto.

No meio do nosso ciclo anual, entre a quarta e a sexta lua-grande de nossos esforços, entendemos mais sobre quem somos nessa pequena matilha justamente por podermos olhar para essa imensidão de possibilidades textuais. Como lobinhos que já podem correr e caçar, nos juntamos a tantos outros pelo mundo tentando falar mais sobre a vida dos lobos-artistas que descobrimos ser. Seguimos nesse caminho e fechamos nosso ciclo agora, em nossa décima-segunda lua-grande de existência, entendendo que não criamos apenas por criar.

Fazemos por outras pessoas, dedicamos esses esforços à nossa Alcateia, que cresce mais a cada dia. Agradecemos infinitamente a todes que já compartilham dessa nossa jornada nas redes sociais, em nosso servidor do Discord e em suas submissões à revista. Muitas novidades estão por vir, podem aguardar!

Essa edição é fruto da nossa jornada anual e, como todas as demais, um diário em que contamos a vocês o que descobrimos nesse caminhar. Por isso, gostaríamos de dedicar nossa última edição de 2020 para vocês que nos leem, para vocês que nos

incentivam a continuar. Agradecemos muito e, como sempre, fazemos por e para vocês.

Com amor,

Equipe Alcateia



A QUEM VIU O QUE HAVIA NA GAVETA

•

Querido diário,

Não, assim não. Será? Alguém ainda usa essa expressão para iniciar novos trechos em um diário? Eu não sei. Afinal, não é como se diários fossem, de modo geral, produzidos com o objetivo de correr mundo, de acordo com o pressuposto da intimidade. Bom, este aqui eu até gostaria que corresse...

Está chovendo bastante hoje, o tempo refrescou. Gosto das chuvas de primavera porque são mais duradouras e suaves em relação às chuvas de verão. Quando chove no verão, e estou fora de casa, sinto um profundo medo de morrer recebendo um raio na cabeça. Aliás, fazia tempo que não chovia por aqui... Foi uma boa surpresa, acalmou alguma coisa dentro de mim.

João, te escrevo para receber notícias suas, de sua família, saber por onde vocês têm andado. Estou com muita saudade. Me mudo novamente no mês que

vem, mas já vou inserir aqui no final o endereço novo, caso você demore para me responder. Você não tem ideia da minha felicidade com a mudança, não aguento mais esta casa e o medo de mais uma enchente. Na última sobrou só a mesa da sala, abençoado seja o vidro.

Nasci em 1996, em uma sexta-feira. Não sei se chovia, nunca perguntei isso aos meus pais. Minha mãe era faxineira e meu pai era pintor. Lembro que meu pai gostava muito de apreciar a chuva. Não só a ouvia, como a observava e, por vezes, decidia senti-la na pele. Essa é a maior lembrança que tenho dele, e me chama a atenção não ser fixa no espaço-tempo. É fluida, constante, permanente. Já minha mãe era muito agitada para atividades de contemplação, mas muito criativa e sonora. Eu sempre ficava preocupada quando a percebia quieta ou silenciosa. Ela também era artista e tinha orgulho em dizer, ao contrário de mim, que nunca tive plena confiança para me afirmar como tal. Meu comportamento os homenageia, tragicamente, involuntariamente, misturando ansiedade e melancolia.

Ei, você. É, você que está me lendo nesta revista. Você acaba de ler fragmentos do meu diário,

de uma carta minha não enviada e do que poderia ser o início da minha autobiografia. Você tem ou já teve um diário? Já escreveu cartas? Já pensou como começaria sua autobiografia? Você já leu diários, cartas pessoais ou a autobiografia de alguém? Esse alguém era uma figura pública ou anônima? Você me deixaria ler o seu diário? Suas cartas? Bom, pelo menos sua autobiografia eu poderia, não? Afinal, diferente de diários e cartas particulares, uma autobiografia costuma ser escrita para circular por aí.

Como você se sentiu enquanto conhecia um pedaço da minha intimidade? Você gostaria de saber mais sobre mim? Quem eu sou agora para você? Redatora? Autora? Escritora? Anônima? Você conseguiria dizer que me conhece ao menos um pouco? Você acredita no que digo? Consegue afirmar se o que digo é verdade? A verdade importa? Ou o que importa é a possibilidade da verdade? Quais são as possibilidades de ação no mundo a partir da possibilidade da verdade?

Eu não tenho respostas, eu sequer conheço este texto. Eu sequer te conheço. Mas escrevo para você. Eu sempre escrevi pra você, seja lá quem você for.

Mas te acredito e te dedico, aproveitando as possibilidades do reconhecimento e da identificação, ou da diferença, que também faz parte do processo de reconhecimento e reafirmação no mundo.

E se eu dissesse que sou poeta, você acreditaria em mim?

*My dear,
estarei hoje à tarde em sua sala-cozinha-de-estar
Vou como quem não quer nada, nem chá, bolacha ou água,
vou como quem só quer entrar.*

Eu não quero te convencer de nada, apenas entrar no seu espaço e te convencer da existência das possibilidades. Porque é disso que também se alimenta a literatura, a arte, a *cenografia autoral* e a figuração do leitor. Da crença de que há algo um tanto fragmentário aqui, algo um tanto fragmentário aí e que este algo **pode** ser modificado.

E eu ainda não sei dimensionar as possibilidades individuais, íntimas, que este texto me deu ao escrevê-lo, porque não consigo parar de tentar descobrir - fragmentos - das possibilidades que ele te dará.

Com carinho,

Susana Agnes Santos



À HISTÓRIA QUE SE CONTA AO AUTOR

•

Toda narrativa, seja em que formato for, começa do mesmo lugar. Seja no papel, computador ou qualquer outra tela, em qualquer outro material, é sempre assim. Primeiro, não há nada. E então, há uma ideia. E essa ideia é o começo de tudo. Do livro de ficção científica, do poema épico, do rpg com quarenta horas de *gameplay*, da *graphic novel*, do roteiro, do filme, da peça...

E, nesse início, tudo que vai para o papel (vou chamar de papel para fins mais práticos, mas lê-se: qualquer plataforma de produção textual que esteja sendo utilizada) vem de quem está escrevendo. As ideias saem da cabeça e se transformam em coisas, acontecimentos, *plot twists*, cenas marcantes, personagens que praticamente têm vida própria.

Sim, para a criação de narrativas, ou às vezes durante seu desenvolvimento, nascem personagens. Eles tendem a surgir antes de aparecer no texto. Ficam

em nossa cabeça durante dias e dias, às vezes se tornam desenhos, às vezes são uma reunião de imagens, fotos, colagens, citações, objetos. E, aos poucos, vamos conhecendo esses personagens. Descobrimos do que gostam, como se comportam, qual sua aparência, quais seus desejos.

E quando finalmente estamos familiarizados com a nossa própria criação, ela passa a fazer parte do texto. Mas aí é que está a questão: esses personagens que criamos são realmente criados por nós? Porque por vezes eles se apresentam para o autor como alguém que se conheceria na rua. O personagem já parece nascer pronto e cabe ao 'criador' descobri-lo, não defini-lo.

Esses personagens são mais do que produções de uma mente criativa, eles são quase autônomos e às vezes não obedecem às ordens de quem narra sua história. Quantas vezes você não quis escrever uma cena ou pensou em um rumo para o enredo e seu personagem não quis seguir os seus direcionamentos, te levando a perceber antes mesmo de digitar aquelas frases que já tinha em mente que seu personagem não faria isso?

E, na verdade, a história, a partir de certo ponto, não somos mais nós que criamos. Pouco a pouco, tenho a impressão de que as narrativas se desenvolvem sozinhas. O cenário já está feito, o contexto está definido, a problemática foi montada e os personagens fazem o que querem. Nosso trabalho, eventualmente, se torna apenas transpor isso para uma mídia acessível a outros.

A história, então, se torna algo vivo.

Em seu livro *Anatomy of Story*, o consultor de histórias de Hollywood, John Trudy, avalia narrativas clássicas de filmes e livros e traz alguns apontamentos para que uma história não encontre seu fim antes do tempo, pois, como o autor coloca, **“uma grande história nunca acaba”**.¹

Com isso, o autor quer dizer que a história continua a se contar e a viver nas mentes de quem a apreciou mesmo depois de acabar. No entanto, há certos erros da etapa de produção que podem levar a um **“falso fim”** e, segundo o autor, podemos dividir esses fins em três tipos: o prematuro, o arbitrário e o fechado.

Sobre o fim prematuro, Trudy aponta algumas causas, como um desenvolvimento prematuro do personagem ou um objetivo que é alcançado antes do tempo, mas a que mais nos interessa aqui é uma ação ou atitude inorgânica do personagem. Nesse caso, toda a mecânica por detrás da narrativa se torna evidente demais e **“a audiência percebe que o personagem está agindo de certa forma porque você precisa que ele aja assim (mecânica) e não porque ele precisa agir assim (orgânica)”**.²

Trudy traz técnicas e ideias sobre como criar uma história sem fim, como chama, mas eu gostaria de oferecer aqui uma sugestão para evitarmos essa primeira armadilha da criação de narrativas: criar para seus personagens ao invés de forçá-los a criar para você. Dedicar uma narrativa àqueles que fazem parte dela é uma das maneiras de se garantir que suas ações serão orgânicas, que a narrativa em si acompanhará seu desenvolvimento e que não haverá um fim prematuro em sua obra. Isso é, de certa forma, assumir uma amizade com seus personagens, pois exige respeito, admiração, carinho. E isso não deve ser apenas em relação a seus protagonistas, afinal todo

personagem, incluindo-se especialmente os antagonistas, são importantes na organicidade da trama.

E não acaba aí.

O fim arbitrário, segundo Trudy, é **aquele “em que a história simplesmente para”**.³ Segundo o autor, isso se dá por um plot inorgânico, que não está acompanhando o desenvolvimento de alguma entidade (personagem ou sociedade, por exemplo) e se nada está se desenvolvendo, não há um sentimento de que a história está se contando ou se concretizando. Não há movimento.

Já no falso fim fechado a história termina com um equilíbrio que parece resolver todas as questões que poderiam existir, gerando um novo sentimento de calma que perdurará para sempre. Segundo Trudy, isso leva a audiência a achar que **“a história está completa e o sistema tem que parar”**.⁴ Mas isso não é orgânico, pois nenhuma história, fictícia ou real, encontra em algum momento esse equilíbrio estático - todo equilíbrio em nossas vidas e nas vidas de mundos que criamos ou habitamos é dinâmico, exige pequenos ajustes com constância.

Aqui, trago mais uma pequena sugestão. Dedique suas narrativas não apenas aos personagens que a habitam, mas também ao mundo que habitam e, principalmente, à história que você quer contar. O texto dedicado a si mesmo é vivo, intenso, cheio de paixão e energia. Ele existe para si mesmo, em si mesmo. Ele é. Respeitar a narrativa que se cria é o mínimo esperado de um autor. Dar vida a uma história é também deixar que ela viva sem querer dominá-la, sufocá-la. Terminá-la.

“Como uma grande história é sempre algo vivo, seu desfecho não é mais final e certo do que qualquer outra parte da história”.⁵

Carinhosamente,

Claus. A. Corbett

¹ Trudy, John. The Anatomy of Story: 22 steps to becoming a master storytelling. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2007. p. 418.

² Ibidem, pp. 418-419. Grifos do autor.

³ Ibidem, p. 419.

⁴ Ibidem, p. 419.

⁵ Ibidem, p. 419.



ÀQUELES COMO EU

•

Há um tempo, um professor meu comentou na sala de aula que se nós quiséssemos saber como era a realidade da Grécia antiga, deveríamos ler não as tragédias, mas as comédias daquele tempo. Por trabalhar o humor na caricatura do cotidiano, o gênero consegue representar a sociedade, os pensamentos e as opiniões públicas da época com mais sinceridade.

Lembrar desse pequeno comentário me fez questionar sobre uma produção que não é canonicamente reconhecida, mas que permite a formação de novos gêneros de produção e carrega um peso da representação social do período que estamos vivendo. As comédias são parte do cânone? Sim. Mas formas de expressão e plataformas de comunicação razoavelmente recentes, como as redes sociais por exemplo, permitem que diversas pessoas explorem as formas de expressão e produzam conteúdo.

Uma das consequências dessa democratização é a diversidade de representações do cotidiano. O conteúdo criado a partir de pessoas leigas ou iniciantes em alguma atividade retrata uma realidade diferente daquela de profissionais consagrados e famosos. Particularmente, eu consumo muito vídeos de desenhistas que estão no início da carreira ou até de pessoas que desenhavam por hobby. Os depoimentos me parecem mais sinceros, porque se aproximam da minha realidade.

O tom amador transmitido pela filmagem fixada no desenho, pelas brincadeiras e comparações com a vida real aproximam a experiência da pessoa que assiste com a da assistida. Essa aproximação revela hábitos e até materiais alternativos para desenho, no caso, e acaba desmistificando certos estereótipos da produção artística.

Essa desmistificação não ocorre apenas entre pessoas que produzem a mesma coisa, mas entre o desenhista assistido e o público geral, que não necessariamente desenha, mas que consome esse conteúdo de alguma forma.

Na edição 4 da Revista Alcateia,¹ nós comentamos sobre como a produção artística pode ser estereotipada e carregar diversos questionamentos que nós fazemos a nós mesmos durante a produção. Os vídeos amadores de artistas iniciantes ajudam a quebrar os estereótipos e, de certa forma, atuam para a comunicação entre pessoas diferentes, mas que participam do mesmo mundo e consomem o mesmo conteúdo.

Em um artigo sobre quadrinhos, cinema e jornalismo, Felipe Muanis, mestre em Comunicação Social pela PUC-Rio e profissional de ilustração e audiovisual, comenta que existem

...discursos anti-hegemônicos que, ao explorar os percursos, o cotidiano, adicionamos caminhos, novos olhares e novas perspectivas que permeiam e invadem, no caso o jornalismo, e que mudam o caráter do discurso. Nesse sentido algumas mídias são lugares propícios para que esses discursos apareçam. A internet e os quadrinhos, os fanzines e pequenos jornais experimentais são exemplos disso.²

As mídias alternativas possuem, então, a capacidade de abranger assuntos de diferentes formas e, por consequência, de aproximar o produtor do consumidor. Não são ilustradores consagrados falando com espectadores, são pessoas que gostam de vídeos de desenho produzindo para pessoas que gostam de vídeos de desenho, produtores de conteúdo falando com produtores de conteúdo. Leitores escrevendo para leitores.

A democratização permite que todos possam ser produtores de conteúdo e expressar sua opinião e vivência através da plataforma que mais tem afinidade. Porém, a democratização permite não só a diversidade boa, mas acaba propagando discursos de ódio, preconceito e desrespeito.

O anonimato permitido pela internet propicia que conteúdos discriminatórios sejam divulgados sem serem vinculados à pessoa que compartilhou. A grande quantidade de comunidades online reforça a união de pessoas com a mesma opinião, sendo ela qual for. A liberdade de expressão garantida pelas redes sociais é uma de suas características mais importantes, mas também a que mais questiona sua própria existência.

André Gustavo Corrêa de Andrade, Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, comenta que a disseminação dos discursos de ódio se refinou ao longo do tempo e ganhou novas formas, como os memes, a *deep web* e os *haters*. Porém, ressalta que

A liberdade de expressão e comunicação é fundamental e deve ser a tônica no uso da internet. Mas isso não dispensa a autorregulação por parte dos provedores de internet, que devem empreender esforços para impedir a utilização da web como plataforma para discursos de ódio e para a prática de crimes e violações de direitos.³

Por isso, como produtores e consumidores de conteúdo online, nós somos responsáveis por aquilo que publicamos e consumimos, pois não só podemos propagar opiniões preconceituosas como também incentivar iniciativas irresponsáveis por conta de uma visualização ou curtida.

Dessa forma, através de novos suportes de comunicação, como as redes sociais, criados especificamente para facilitar a expressão interpessoal, as posições de consumidor e produtor se misturam por conta da forma pela qual a informação é transmitida. O suposto amadorismo por trás das produções pessoais e caseiras abre um novo canal entre o produtor e o receptor, que os aproxima por romper com estereótipos de produção e prometerem uma conversa mais sincera sobre a realidade.

Nos vemos por aí,

Mariana Lio

¹ Revista Alcateia. Edição 4, out.2020. Disponível em: <https://revistaalcateia.wixsite.com/alcateia/post/revistaalcateia-4> .

² MUANIS, Felipe. *Imagem, cinema e quadrinhos: linguagens e discursos do cotidiano*. In: Disponível em: [https://www.academia.edu/4063146/Imagem cinema e quadri nhos linguagem e discursos de cotidiano](https://www.academia.edu/4063146/Imagem_cinema_e_quadri_nhos_linguagem_e_discursos_de_cotidiano).

³ ANDRADE, André Gustavo Corrêa de. *O discurso de ódio na internet*. 3 nov.2009. Disponível em: <https://www.editorajc.com.br/o-discurso-de-odio-na-internet/> .



AOS PARASITAS, QUE CRIARAM ESTEREÓTIPOS E OS ROERAM ATÉ O OSSO

•

Parasita.

Adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino

(...) organismo que vive de e em outro organismo, dele obtendo alimento e não raro causando-lhe dano.¹

O parasita precisa do outro para se manter. Ele precisa explorar o outro ao máximo para permanecer quem é, e assim vivem aqueles que produzem os estereótipos. É custoso dizer onde surgiram, mas a criação de representações do “outro” foram essenciais para a consumação de poder sob outras culturas. Segundo Stuart Hall,

...a diferença é ambivalente. Ela pode ser tanto positiva quanto negativa. Por um lado, é necessária para a produção

de significados, para a formação da língua e da cultura, para as identidades sociais e para a percepção subjetiva de si mesmo como um sujeito [...] Por outro, é ao mesmo tempo ameaçadora, um local de perigo, de sentimentos negativos, de divisões, de hostilidade e agressão dirigidas ao “Outro”.²

A representação do outro evoluiu de aquisição direta de territórios (imperialismo) para um apoderamento de características físicas e culturais em nome do entretenimento (indústria cultural). De colonização de territórios para colonização ideológica. Em um olhar muito resumido, o surgimento do cinema e da máquina romântica é o início da indústria cultural ocidental, que englobou todos os padrões estéticos e comportamentais, criando o que agora vemos como um arquétipo de normalidade, o *mainstream*.

Assim, o mercado do entretenimento utilizou e moldou a figura do **“outro”** de forma exótica, como um produto de venda. Às palavras de Hall, personagens e ambientes estereotipados são imagens **“simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas”**,³ tudo o que é

representado dessa forma tem como produto algo reduzido a seus traços mais gerais e exagerados.

O *mainstream* se tornou uma visão parasitária, algo que se tornou involuntário, que se faz presente até quando tentamos evitá-lo. É uma visão preconceituosa e limitada do mundo, que muitas vezes se perpetua pelos padrões heteronormativos e brancos que são impostos pela cultura popular e cultura de massa. Ao criar esse padrão do que é normal, inevitavelmente também são criados estereótipos de como o “**outro**” é. Se ele não equivale aos padrões, então ele deve ser atípico, excêntrico.

Via de regra, leitores interpretam um texto seguindo padrões convencionais e dominantes, usando o que há de mais comum e generalizado no seu dia a dia. Por sua vez, os escritores devem ter em mente que, ao escolher descrever mais ou menos detalhes, estarão inevitavelmente impostos à interpretação *mainstream* de suas obras.

Lamentavelmente, os padrões sociais influenciam a leitura e a interpretação de textos e, nesse sentido, cabe aos escritores quebrar esses padrões. Quais as chances de os leitores imaginarem

um personagem negro na história se não há escrito no texto que o personagem é negro? Quais as chances de os leitores imaginarem uma personagem lésbica se não há essa informação no texto? É quando o autor decide deixar apenas “subentendido” que seu personagem não é branco, não é magro, mas deixa margens pros leitores imaginarem eles assim, como se imaginar um personagem não normativo fosse gerar um incômodo para o leitor.

Tão ruim quanto a não representação, é a representação cercada pelos estereótipos.

A fuga do *mainstream* é uma dupla estrada. Embora os leitores procurem se afastar dessas representações normativas e estereótipos, abrindo a mente para novas imagens, os escritores possuem a maior parte da responsabilidade para gerar a mudança.

Não fazer descrições pode resultar em uma leitura *mainstream*, descrever pouco pode resultar numa colagem e descrever demais pode resultar em estereótipos redutores das minorias. O que você deve fazer?

É aí que encontramos a encruzilhada. Somos expostos diariamente a obras que forçosamente

procuram introduzir essa mudança, mas a representatividade pela representatividade, como preenchimento de cota de diversidade no texto, pode contribuir para o *mainstream* e até mesmo prejudicar o resultado final.

Uma solução parece ser, primeiro, considerar as razões pelas quais tais personagens estão na narrativa. Por que fazemos as escolhas que fazemos quando escrevemos? O que te fez colocar esse personagem nesse lugar? No que a personalidade dele se baseia? É na sua cor, nacionalidade ou religião? Tenha noção que basear personalidades imitando representações e justificando ações por coisas que **não são formadoras de personalidade na vida real** são sim estereótipos, é uma reprodução da alteridade por alegorias.

Como devemos, então, escrever algo fora da normalidade compulsória? E, ainda mais difícil, como criar algo que não pertença ao cotidiano do autor? Como saber se seu personagem não está seguindo estereótipos em cima da alteridade? A resposta para isso é sempre a pesquisa, é olhar fora de todas as suas bolhas, procurar compreender **pessoas**, e não

tipos sociais. A indústria cultural tornou banal mimetizar representações, resumir culturas e pessoas a seu mais simples e caricato traço. O estereótipo também tem vida parasitária.

O autor é tão responsável pelo que escreve quanto para **quem** você escreve. Para convencer um público diverso e crítico, a inclusão pela inclusão não agrada e muito menos cativa. Não basta apenas incluir, toda representatividade deve ser coerente e verossímil. O leitor mudou, ele progrediu e se tornou mais crítico, assim também devem fazer os autores.

“Não escarrei estereótipos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.”

Atenciosamente,

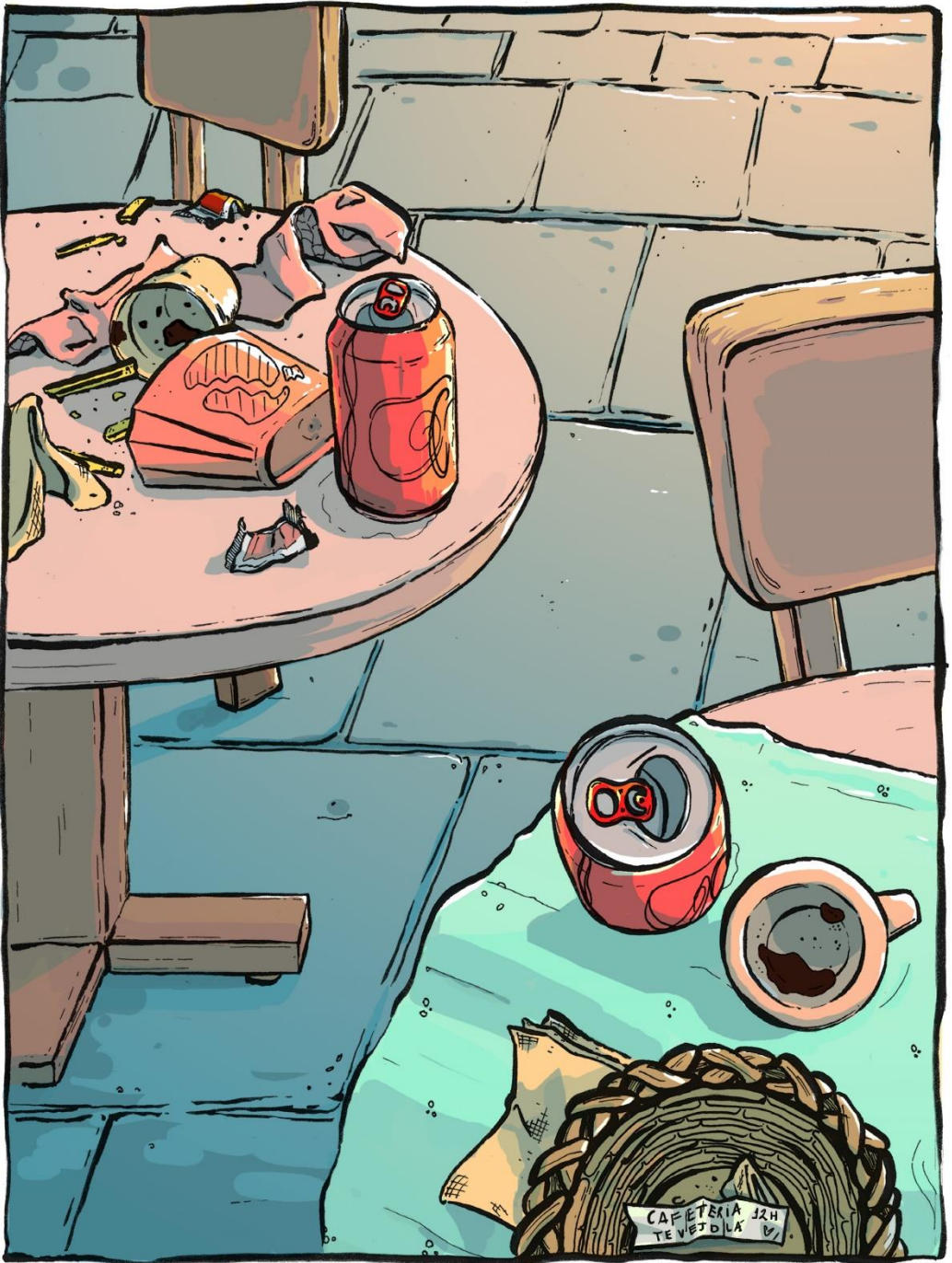
Paula Cruciol

Julia Helena de Oliveira

¹ Definição de parasita em Oxford Languages. Disponível em:
<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>

² HALL, Stuart. Cultura e Representação. Ed. Apicuri, 2016, p. 160

³ Ibidem, p. 191



ÀQUELES PARA QUEM PRODUZIMOS

•

Inspirar-se em algo ou alguém para produzir arte é diferente de colocar uma dedicatória na obra já pronta. A diferença mais notável inicialmente são os tempos: inspira-se antes de produzir e dedica-se depois. Outros aspectos que os distinguem são a menção explícita: nem sempre ficará nítido em quem nos inspiramos para produzir nossa obra e nem sempre vão poder afirmar com certeza o que exatamente foi matéria prima, mas a dedicatória é sempre categórica: para essa pessoa específica — sem dúvida, sem hesitação, sem rodeios. Contudo, em ambos casos produzimos e finalizamos nossas práticas com um objetivo comum e básico: queremos que a obra seja apreciada, pensamos sempre em um alguém que a receberá.

Esse alguém pode ser nós mesmos, produzindo para nossa própria interpretação, análise e catarse. Produzindo para colocar para fora algo que estava

dentro, produzir para guardar dentro o que estava fora. Produzir para entender o que estamos pensando, sentindo, passando. Produzir para anos depois ou semanas depois ou horas depois.

Esse alguém pode ser outra pessoa, como se no início da produção houvesse um **“essa é pra você”** invisível. Às vezes uma pessoa determinada, como uma dedicatória, às vezes um grupo de pessoas, às vezes alguém que não sabemos bem quem, às vezes a quem possa interessar.

Toda arte é produzida para ser apreciada por alguém.

Entendendo texto como toda forma criativa de arte e leitor como todo aquele que observa e absorve a obra, concluímos, então que todo texto precisa de um leitor. Seria estranho pensar que um texto pudesse ser produzido sem um destino, sem alguém para o apreciar. Poderíamos até dizer que um texto sem leitor não existe. Jacques Derrida, no entanto, diz o contrário: que o leitor não existe sem o texto.

O filósofo produziu inúmeros estudos na área das linguagens e em uma entrevista, que se tornou o livro *Essa estranha instituição chamada literatura*, ele

afirma: **“Por definição, o leitor não existe. Não antes da obra e como seu simples ‘receptor’”**.¹ De certa forma, poderíamos entender essa frase pela perspectiva de que só nos tornamos leitores no momento de leitura, ou seja, o leitor seria muito mais uma função que a descrição de alguém com o hábito ou que executa a ação de ler, mas Derrida aqui não se refere a uma função. Ele fala do leitor.

E quando falamos em leitor, a primeira coisa que vem em mente é o leitor ideal. Ele seria a personificação do público-alvo da obra em uma única pessoa. Quantos anos ela tem? Qual seu gênero? Qual sua orientação sexual? Qual sua nacionalidade, seus interesses, inclinações políticas, opiniões? Quais seus hábitos, seus medos, suas aspirações, seu modo de vida? Pensamos no público ao mesmo passo que pensamos no objetivo da obra: quem será atraído por esse conteúdo, por essa produção? O que pensarão a respeito e o que farão com isso? O que eu, produtor, quero que façam com isso?

Assim, o leitor ideal reúne um conjunto de características análogas a coordenadas geográficas para determinar o destino da produção. Mas o leitor ideal

não existe, é ideal, uma projeção descolada da realidade. Nem todos os leitores da nossa obra se encaixam nas especificações de público-alvo e não temos muito controle sobre a trajetória da obra uma vez que ela sai das nossas mãos. Entretanto, o leitor a quem Derrida se refere não é o ideal.

O leitor de Derrida não existe, mas com uma condição: a obra. Sua inexistência relativa se pauta na existência do texto: se o texto existe, o leitor também. Nesse ponto, o conceito de leitor que entendemos e o conceito de leitor do filósofo divergem. Enquanto o leitor ideal do senso comum é um destinatário ideal que deixa de existir para ser substituído por leitores reais, ou seja, deixa de ser a representação de um público para se tornar indivíduos distintos — por isso, inclusive, a mudança de singular para o plural —, o leitor de Derrida é quase o oposto: ele não existe durante o processo de elaboração da obra, apenas depois de sua finalização. Assim, o surgimento da obra como tal, e não como rascunho ou trabalho em desenvolvimento, é também o nascimento do leitor de Derrida.

Esse leitor não é passivo em relação à obra, quer dizer, não só a recebe como uma espécie de coletor de textos, ele é ativo. A obra, nos estudos do filósofo, **“produz seu leitor, um leitor ainda inexistente”** que se forma com a interpretação, **“um leitor que seria ‘formado’, treinado, instruído, construído, até engendrado, digamos inventado pela obra”**.² Derrida fala diretamente do leitor real, que, absorvendo a obra e refletindo sobre ela, se modifica de tal forma que pode ser considerado **“criado”** a partir da própria leitura. O texto, nesse sentido, modifica a pessoa, modifica o leitor e o torna outro.

Todo texto, em algum momento, deve ser lido por alguém, mas isso só acontecerá se quem for ler tiver interesse pela leitura. O leitor de Derrida e o leitor ideal do senso comum são iguais nisso: são sujeitos que leem. E só lê o texto quem tem interesse no texto. Então o que há no seu texto que pode despertar interesse em quem o lerá? O que vai fazer que o seu texto seja lido até o fim? E o que acontecerá depois?

Se você chegou até o fim desse texto, você pode ser considerado o leitor ideal no qual pensei enquanto escrevia. Pode se encaixar nesse formato, nesse modelo e as ideias que você tinha antes de ler o texto talvez tenham se modificado ao longo dos parágrafos. Talvez agora você seja uma pessoa levemente diferente da que iniciou a leitura, talvez tenha outros pensamentos, outras opiniões que não tinha antes. Então quem é o leitor do texto, afinal? Quem era você antes e quem é você agora? Quem é você depois de ler este texto? E mais importante: o que você vai fazer agora?

Este foi para vocês,

Paula Cruciol

1 DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

² Ibidem, p. 117.



ÀQUELES QUE BUSCAM A DIVERSÃO

•

Procuramos entretenimento para, bem, nos entreter. Para nos divertirmos.

E criamos entretenimento por diversos motivos, para diversas pessoas. Podemos estar atrás de dinheiro, de transformar uma paixão pessoal em algo disponível para muitas pessoas, de criar algo especial para alguém especial. Ou podemos estar terminando ou continuando o trabalho de outrem, trabalhando para bater metas e prazos, cansados de tudo aquilo e apenas torcendo para nossa verba durar até o final do projeto.

De qualquer maneira, o que queremos é criar algo que entretenha, que faça sucesso, que seja lembrado e recomendado. Por isso, quando criamos entretenimento, queremos trazer aquilo que pode garantir nossas expectativas com nossa obra: diversão.

Temos acesso a diversas fórmulas para isso, diversos estudos apontando a maneira perfeita de se seguir. Diversos planejamentos para criar diversão. Especialmente na indústria de *games*, que é muito mais comumente associada a entretenimento do que a uma arte.

O youtuber Tim Ruswick, do canal *Game Dev Underground*, avalia a busca pela diversão na criação de jogos e afirma: **“É mais fácil encontrar a diversão do que criá-la.”**¹

Isso pode acontecer de várias formas. Mark Brown, youtuber responsável pelo canal *Game Maker's Toolkit*, explora, em seu vídeo *“Games That Designed Themselves”*² alguns casos de jogos que se tornaram o que são porque os desenvolvedores viram algo inesperado e decidiram que isso era mais divertido do que seu plano inicial. Ele cita, por exemplo, o jogo *Ape Out*, em que o jogador assume o papel de um gorila em fuga e deve agarrar e arremessar guardas contra as paredes ou contra outros guardas para se livrar deles.

Originalmente, segundo o youtuber, os desenvolvedores imaginavam um jogo de furtividade

em que um espião usava comandos de agarrar e empurrar para se esgueirar pelas paredes. Quando viram que agarrar os guardas e arremessá-los era a parte mais divertida, eles decidiram focar o jogo nisso, se livraram de mecânicas desnecessárias e transformaram o protagonista em um gorila.

Esse é apenas um dos casos que o vídeo traz de desenvolvedores que perceberam algo que era mais divertido do que seus planos originais. No meio de design de games, isso é conhecido como a filosofia “*follow the fun*” (siga a diversão). Durante a fase de testes, o *feedback* de *game testers* — ou, no caso de outras mídias, de leitores beta, do público de exposições de teste etc. — pode ser também uma forma de encontrar e então seguir a diversão.

Chris Bratt, do canal *People Make Games*, comenta sobre um *bug* na programação do jogo *Subnautica* que foi descoberto durante a fase de testes e que foi mantido no jogo porque os desenvolvedores entenderam que ele tornava o jogo mais divertido. Em *Subnautica*, o jogador passa bastante tempo debaixo d’água e um dos recursos com os quais deve se preocupar é seu oxigênio. Quando o jogador tem

apenas trinta segundos de oxigênio sobrando, o jogo soa um aviso e, quando o oxigênio acaba, a tela escurece e é *game over*... a não ser que você esteja próximo o suficiente da superfície para alcançá-la mesmo depois de tudo ter ficado escuro.

Bratt conta que isso não era uma característica intencional, mas que os desenvolvedores do jogo entenderam não ser um bug, mas sim uma funcionalidade. *Subnautica* é um jogo interessante de se analisar nesse sentido, já que traz também uma outra funcionalidade que não é (ou não era) comum em outros jogos.

No vídeo *Why Subnautica Owes Its Success to This Button*,³ Bratt fala sobre esse *bug* que se tornou uma funcionalidade, mas também fala de um botão de *feedback* pensado pelos desenvolvedores para ser uma parte importante de sua busca pela diversão. Através desse botão, o *feedback* dado pelos jogadores mostra um mapa de reações positivas, negativas e também comentários em todas as reações. É possível mergulhar nesse mar de informações e remover cada vez mais ideias e indícios do que é a diversão em *Subnautica*.

No entanto, nem sempre aquilo que seu público-alvo pede é aquilo que eles realmente querem – e menos ainda aquilo que você quer. Bratt menciona em seu vídeo que fãs de *Subnautica* pediram a inclusão de armas de fogo, mas que os desenvolvedores decidiram não acatar esse pedido por motivos pessoais, procurando oferecer outras formas para os jogadores lidarem com inimigos agressivos. No vídeo *Should Game Designers Listen to Negative Feedback?*,⁴ Mark Brown também aponta que os jogadores podem sugerir soluções que acabam criando novos problemas.

Portanto, a sugestão que dá é: procure problemas, não soluções. Aquilo que é sugerido em feedback a uma versão pronta ou em produção de uma obra não necessariamente apresenta uma solução real, mas certamente oculta uma insatisfação real. Por isso, olhe para o que está além e na raiz de sugestões que receber – e saiba quando descartá-las para preservar também sua visão da obra.

Essa filosofia de design não precisa necessariamente se aplicar apenas a *games*; pelo contrário, pode ser abraçada por todos que desejam criar algo que entretenha o consumidor final. Talvez

seja impossível adicionar um botão de *feedback* em seu próximo livro, mas é para isso que existem leitores-beta, por exemplo. Além disso, sua própria percepção daquilo que cria já é um *feedback* totalmente válido.

Essa filosofia também pode ser adaptada a outros objetivos. Criando um filme de terror? *Follow the horror*. Um quadro inspirador que traz esperança a quem o contempla? *Follow the hope*. Saber identificar em sua própria obra aquilo que traduz a essência do que você gostaria de criar é uma ferramenta indispensável para todo artista.

Além disso, é importante pensar na direção que a própria obra está seguindo e entender que isso também é um fator. Mark Brown chamou seu vídeo de *Games That Designed Themselves* justamente por ser essa a sensação dos desenvolvedores – e que artista não passou por isso também? A sensação de que as musas foram canalizadas em sua obra, que ela surgiu não de você, mas através de você... esse fluxo também deve ser respeitado.

Então, àqueles que buscam a diversão, deixo aqui esse conselho: a siga aonde quer que seja que ela te levar.

Abraços,

Claus A. Corbett

¹ Ruswick, Tim. What Makes A Game Fun - 3 Tips To Make A Fun Game. Game Dev Underground, YouTube, ago. 2017, 2:40.

² Brown, Mark. Games That Designed Themselves. Game Maker's Toolkit, YouTube, ago. 2020. Disponível em: Acesso em: 30 out. 2020. 3 Bratt, Chris. Why Subnautica Owes Its Success to This Button. People Make Games, YouTube, set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zVnOcmiEdIE>. Acesso em: 30 out. 2020.

⁴ Brown, Mark. Should Game Designers Listen to Negative Feedback? Game Maker's Toolkit, YouTube, mai. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P05ONfLOqmY>. Acesso em: 30 out. 2020.

ORIGINAIS

SOBRE DEDICATÓRIA

•

DEDICATÓRIA

THAINÁ CARVALHO

ESCRITORA SERGIPANA DE 30 ANOS FORMADA EM
COMUNICAÇÃO SOCIAL, FUNDADORA E EDITORA DA
REVISTA DESVARIO: UMA PUBLICAÇÃO DIGITAL SEM FINS
LUCRATIVOS VOLTADA À DIFUSÃO DA LITERATURA
CONTEMPORÂNEA CRIADA POR MULHERES. LANÇOU, EM
2020, O LIVRO DE POESIAS AS COISAS ANDAM MEIO
DESALMADAS PELA EDITORA PENALUX. JÁ PUBLICOU EM
REVISTAS E PORTAIS COMO REVISTA ABOIO, PORTAL NÃO
ME KAHLO, RUÍDO MANIFESTO E A ESTRANHAMENTE. É
COORGANIZADORA DO SARAUEMA, ALÉM DE ATUAR COMO
CURADORA E REVISORA.

•

Para você

este poema

ou, talvez, isto não seja bem um poema

e tenha mais a ver com o formato dos seus dedos em

[torno do cigarro]

o conforto da asa na xícara, incontornável

talvez seja mais parecido com a música que se ouve

[no apartamento do vizinho nos fins de tarde de sol]

algo sacro e irreparável
como os cacos de vidro que se espalharam pelo chão
[da garrafa de vinho que quebrei]
sonoramente
era noite, e era tarde
ou, não sei, era cedo de manhã
mas acordei com essas luzes espalhadas pela vida e
[pelo corredor]
de estrelas, o chão
como diz aquela velha música de Nelson
“minha vida era um palco iluminado”
sim, isto aqui é um pouco de memória e cálice
metade sangue, metade medo
de que as palavras se percam em partes e participios
— a molécula e o passado são extremamente íntimos
e isso deixa tudo fora de contexto
esse tato das paredes
dizendo que o mundo tem um fim até a próxima
[esquina]
e que as plantas recomecem no cálculo da próxima
[retina]
e isto pode ou não ser um poema,
mas é para você

O POETA

ANTONIO FERREIRA

ESCRITOR DE POEMAS, CONTOS, ROMANCES, LETRAS E ÀS
VEZES MELODIAS. PARTICIPA DA ACADEMIA PIAUIENSE DE
POESIA, DA REVISTA ECOS, DO JORNAL O DIA, DA
REVISTA DIVULGA ESCRITORES E DA REVISTA
ENTREMENTES.

•

O poeta é um ser que sente
que também se ressentido,
que exprime, que vive, que ama,
que declama, que por alguém clama
por meio de versos e rimas;
que transforma tudo em poesia
até um dia que não é mais o feitor
e sim, um personagem
dentro de um poema de amor.

DEIXA

LUCAS SERRALVO LOPES

ALGUÉM QUE SENTE SAUDADES DE TODOS AQUELES QUE
SE FORAM E TENTA TRANSFORMAR SUA DOR EM ARTE.
PROFISSIONAL DE IDIOMAS E SEUS USOS.

TW: perda de pessoas queridas, depressão.

•

Vem, deixa essa estrada escura.

Há quanto tempo você está andando?

Me conta da tua vida, das suas viagens,
de toda a solidão que carrega.

Recita pra mim essa rapsódia.

Vem, é só seguir o tremeluzir alaranjado.

Não tenha medo de se perder,
essa fogueira é pra você, é sua guia.

E se não conseguir mais falar,
se a vida já te tirou a voz,
só senta aqui e se aquece um pouco.

Vem, deixa eu ver nos seus olhos
o que você precisa ouvir.
Deixa eu ver aquilo que te acalenta,
aquilo que você ama, aquilo de
que tem saudades.
Deixa eu cantar uma música só pra você.

Deixa eu cantar uma música por você.

Vem, chora no meu ombro.
Vamos, deixa essa estrada escura,
essas pedras duras e pontudas.
Deixa eu cantar por você, deixa
eu carregar um pouco o seu fardo.

Vem, deixa eu te ver suspirar,
deixa eu ouvir seu coração batendo,
deixa eu ver suas fraquezas.
Dedica pra mim esses momentos
tão tênues e fugazes.

Você não precisa mais ser forte por nós dois.

Deixa eu te carregar por mais
esses últimos quilômetros,
pelos metros finais da
sua jornada tão longa.

E se minha vida é uma canção
deixa eu dedicar essas poucas
estrofes a cuidar de você
como você cuidou de mim.

Deixa eu te ver dormindo
e quando eu perceber que
seu peito não sobe mais,
deixa que eu vou entender
o seu descomplicado adeus.

Me deixa, está tudo bem...
mas nesses momentos
tão breves e tão frágeis,
é tudo por você.

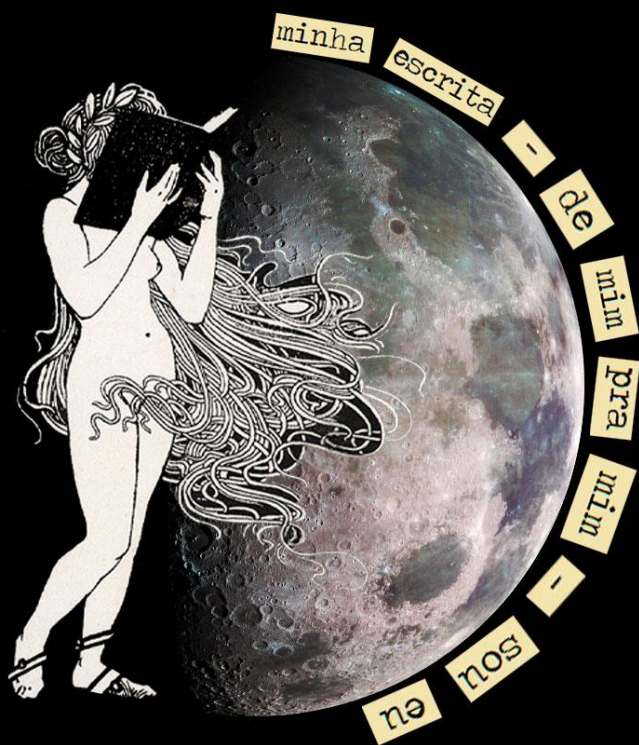
ESTE TEXTO É DEDICADO A UMA MULHER MUITO ESPECIAL
E QUE FEZ MUITO NÃO SÓ POR MIM, MAS POR DIVERSAS
PESSOAS NESSE MUNDO GIGANTE. OBRIGADO POR TUDO,
MÃE.

MARIA CAROLINA RODRIGUES

ESCRITORA DE POESIA DESDE OS 13 ANOS QUE SE
AVENTURA TAMBÉM POR ENSAIOS E CONTOS.

•

NESSA COLAGEM, QUIS APRESENTAR A PARTE DA ESCRITA
DIRECIONADA A SI MESMA, JUNTANDO COM A LUA
CRESCENDO DEMONSTRANDO, ASSIM, O PROGRESSO NA
LITERATURA INDIVIDUAL VEICULADA ÀS PRÓPRIAS
EXPERIÊNCIAS.



Oi?

DEBORAH PEREIRA

ESTUDANTE/PESQUISADORA. ESCRIVE PEQUENAS CRÔNICAS E, NOS ÚLTIMOS TEMPOS, CONTOS. PARTICIPA DO PODCAST ALHURES.

•

— Pra quem cê escreve?

— Depende, Antônia. Quando é julho, eu escrevo pra Julho. Escrevo cartinhas, digo como é que eu tô vendo o mundo, digo que eu tenho inveja dele; tem dias que eu falo “julho, me busca?”. Ele nunca veio.

Às vezes eu escrevo porque me dá uma dor de barriga, uma coceira no estômago. Quando é assim, acho que eu escrevo pro meu corpo. Ele fica pedindo, sabe? Como se fosse comida ou descanso. Eu tento dar, nem sempre consigo. Em alguns momentos, pensar vale. Pensar em forma de palavras e não em forma de coisas ou cores ou gente. Aí eu penso, penso...uma palavra atrás da outra, como se fosse um caderno mesmo o pensamento. Meu corpo dorme e sonha com

o que eu quase escrevi. Eu acordo já esquecida. Dia novo.

Bom dia!

“Bom dia!”

Eu escrevo: “tudo bem sim, e vc?”, “já já mando”, “kkkk”, “que horas?”. “dormiu bem?” “<3”. Pra minha mãe, pros meus amigos, pra farmácia, pro grupo de estudos, pra quem eu nem sei.

E tem a tese que eu deveria estar escrevendo. A tese a gente escreve pra banca gostar e dedica pra muita gente que não vai ler. Tem gente que dedica até pra deus.

Antônia, se um dia eu tiver uma tese pronta, vou dedicar pra você, tá bom?

“Pra Antônia, que foi minha amiga na noite do dia 18 de novembro de 2020”.

Mas pra terminar, eu queria te dizer que eu escrevo pro meu público; que eu tenho um livro e uma coluna importante. Que tem gente que amanhece esperando o que eu tenho pra contar. Mas não. Esse é meu sonho. A realidade é que eu escrevo pra quem tá afim de sentir um pouquinho como eu, pra quem me deixa chegar, pra quem me diz “oi”.

Eu adoro dizer “oi”.

Oi.

Hola.

Ciao.

Salut.

Não entendo porque normalmente os bebês aprendem a falar primeiro “mãe” e não “oiiii”.

Você entende, Antônio? Antônio, quem escreve pros bebês? Outros bebês? Se você souber, envia minha pergunta pra eles? Manda um oi também.

PANCADAS DE CHUVA

MARIA CLARA LACERDA

TRADUTORA, FOTÓGRAFA E ESCRITORA. ESCRIVE
ROMANCES, CONTOS, PROSAS E POESIAS.

•

Eu escrevo para você. Eu sei que você não vê. Mas escrevo como se visse, como se lesse, como se pretendesse comprar aquela merda de livro meu que vão publicar e deduzisse, lá no meio do capítulo treze, que tudo que o personagem disse era o que, na verdade, eu queria te dizer. Foi um lapso de criancice, mas é como eu disse: faço como se você visse. A escrita e o resto, e eu detesto saber que quero aparecer só para você não me esquecer. E você, é claro: mudo. Sempre mudo. E eu não mudo. Não sei por que ainda me iludo.

É desde pequena que eu faço essa cena, você se lembra?, que eu só queria caminhar segurando a sua mão e estar sempre na sua companhia e que chegasse logo o próximo verão, porque era quando a

gente se reencontraria... porra, preciso ser mais vaga, apaga!, senão não dá para fingir que não é de você que tô falando aqui. Oras, é claro que é, mas preciso me fingir de desentendida se o questionamento vier, porque não quero pagar de sofrida, de esquisita que demora uma vida para esquecer o amor de criança que devia ter ficado só na infância e, no máximo, na lembrança.

Mas é que eu ainda sinto, como se ainda tivesse seis, não vinte e seis. De vez em quando, até minto que não sinto, para os outros e para mim, mas não acreditam, nem eles, nem eu, porque continua nítido: nem seu nome eu consigo pronunciar sem começar a chorar. É ridículo. Você iria adorar. Iria rir e apontar e alegar que continuo a mesma menina mimada que emburrava, tomava a bola e não queria mais brincar. Mas eu não consigo evitar.

Eu só queria saber como você está. Mas eu não vou perguntar. Dessa vez, você está demorando demais a voltar. A gente nunca ficou tanto tempo sem se falar. Completará três anos, no próximo mês. E eu continuo a escrever para você, como se você fosse ler.

Mas que se foda, se quer saber. A essa altura,
já não tenho nada a perder.

É. Escrevo para você.

ÍNDICE REMISSIVO

RENAN ENRIQUE DOS SANTOS

APAIXONADO POR IDIOMAS. ESCRIVE POEMAS E, ÀS VEZES,
CONTOS.

•

A folha parda soprada pelo vento ia ao chão com leveza. Não soava como nada. Só fazia carinho de leve no ar, que resistia inútil ao peso da tinta. A garota, que remexia sua estante, notou a aterrissagem apenas de relance. Tinha mais olhos para as lombadas enfileiradas à sua frente. Um a cada cinco de seus livros eram roubados, categorizados com cuidado pelo tipo de furto. Aqui: *os emprestados só de ida*, os quase presentes!, os mais adorados.

Descolou os olhos de seus desvios literários para decifrar as letras cursivas no papel ao chão. “Ana,” lia-se no topo da folha. Abaixou-se e tomou-a nas mãos. Uma dedicatória roubada! Mordeu o lábio.

Ana,

*Esse livro, eu queria tê-lo escrito e dedicado a
você. Li seu nome em cada página.*

Talvez você possa encontrar o meu.

Com amor,

V

Tornou o papel nas mãos: nada no verso. De volta ao recado. V. Quem dera fosse Ana e soubesse que nome buscar! Mas onde, entre tantos crimes na estante. Que diria uma lombada que fora acariciada “com amor” ou o título que queria ter sido escrito por outro? Qual o rastro? Decerto não seriam as orelhas nos cantos das páginas, não.

Certamente a dedicatória teria estado em meio a algum de seus delitos. Entre os *emprestados*? Não conhecia nenhuma Ana que o teria cedido. Poderia estar entre os levados da biblioteca – mas bastou correr os olhos pela prateleira para calcular que não. A nota – quem escreve à parte uma dedicatória, afinal? – já se teria perdido há muitas mãos. Então nos encontrados na universidade. Eram poucos, esses, por falta de oportunidades e excesso de princípios: não era justo sacar livros de dentro de mochilas descuidadas.

Pois um desses nove. Mas quem pensaria em dedicar *A morte em Veneza*? Ou *Mrs Dalloway*? “Com amor” não se dedica diagnósticos como aqueles. Ao menos a ninguém além de a si mesmo. Tampouco o atrevimento de um Kafka. Pois quem sabe poderia ser... este! Este sim! O olhar turvo ante à conclusão: era *A hora da estrela* – e só podia sê-lo.

Um arrepio se anunciou na nuca. Já podia sentir-se como a dona do bilhete só de pensar na ideia; via-se como ela só de lembrar Macabéia, tão cotidiana e diariamente extraordinária. Era disso que falava V. Essa era sua sentença. Essa era Ana.

“Ou então, eu.” Por um minuto, não soube dizer se era justo permitir-se ser aquela estranha, tomar para si a missiva, roubar além do texto a dedicatória só porque podia – queria! – lê-la. Olhou bem para a nota mais uma vez. Seria sua? Mordeu o lábio a segurar um sorriso.

UM PEQUENO PEDAÇO DE PAPEL

L. M. GOLIZIA

HISTORIADOR E PROFISSIONAL DO TEXTO. ESCRIVE
HISTÓRIAS COM MONSTROS, DIVINDADES, ENTIDADES
IMORTAIS, O ABSURDO INERENTE DO ATO DE VIVER E
LITERATURA ERÓTICA.

•

Na escrita, o homem se perde.

Transforma-se em letra, incorpórea,

Exegese de si.

O texto, formato primário da lembrança,

Demarca tudo que há a ser esquecido.

— *Ulrich W. Bergmann, em seus trechos
consumidos pelo fogo.*

O sol desponta no horizonte de uma costa
esquecida enquanto Mashu lê uma das primeiras cartas
do dia, distraído, pulando entre as palavras.

Leandro,

Peço desculpas por tudo.

Não importa mais quem estava certo. Irmãos não deveriam... ...eu deveria ter feito mais... ...queria que tivesse visto minhas filhas crescerem... Você merece que os seus sonhos se tornem realidade. ...eu me arrependo... É tarde demais, infelizmente... ...os médicos dizem que estou em meus últimos meses... Desejo que você tenha uma ótima vida...

Tiago.

Mais uma das cartas tristes. Mais uma daquelas que ele não pode fazer mais nada sobre. Foi enviada com um erro no endereço, perdida nos correios, e mesmo que encontrasse seu caminho, o irmão não morava mais no destinatário há anos. Nenhum familiar soube da carta antes de ela ser enviada. Nenhuma cópia restava. Leandro ainda descobriria em vida que o irmão morreu, mas nunca descobriria que o arrependimento era recíproco.

Mashu percorre as pontas das garras pelo papel novamente, procurando detalhes. Mudanças de probabilidade que permitissem que as palavras

chegassem onde deveriam. Mas não há nenhuma - a carta é outra das que vai parar no abismo, perdida entre as rochas pontudas do oceano abaixo do Templo, quando Mashu a solta das mãos e deixa que o vento a leve embora.

Outra carta é produzida das sombras entre os robes sobre seu corpo etéreo. Um pedacinho de pergaminho marrom, amassado, perdido no cantinho secreto das entranhas de um gaveteiro apodrecido, enterrado em um lixão.

Filha,

Eles chegaram antes da hora. O capitão já está batendo na porta, aguardando para me levar pro quartel. Não sei quando voltarei, mas prometo não te deixar pra trás. Que seja um mês, um ano ou uma década, saiba que lutarei por você. Nunca por nação ou pelas ordens de homens que não sabem o que é o amor, mas por você. Apenas por você.

Espere por mim. Prometo que ficaremos juntos.

V.

Mashu perde um suspiro no ar frio.

As cartas demoram pra chegar. Chegam nos momentos errados, tendo espaço demais para percorrer entre o mundo dos homens e o último templo no fim do mundo. Chegam décadas após sua relevância acabar.

Algo poderia ser mudado; a leitora, impedida de ler, poderia ao menos ter sido informada. Um galho quebrando, um vento no lugar certo, qualquer coisa seria o suficiente para que, ao menos, os ossos cobertos de musgo pertencentes ao autor fossem encontrados. Mashu ainda faria a gentileza de garantir que a medalha com o nome do soldado caído não sucumbisse ao tempo e à ferrugem.

A leitora talvez ainda se casasse com o mesmo homem que não amaria, tentando preencher o vazio em seu peito e em sua casa, mas ao menos teria descanso de suas dúvidas. Se a carta chegasse a tempo, poderia ter substituído mais um dos grotescos quelóides da incerteza pela delicada cicatriz de um coração partido. Mas o esquecimento nega as possibilidades, e Mashu sabe que, antes de ser o Santo

das Cartas Perdidas, é uma divindade das palavras esquecidas.

A carta vai ao mar, para derreter entre o sal, como é o destino de todas as cartas.

Outras a acompanham. Cartas fora de hora, mensagens antigas, textos velhos. Sob o sol à pino que brilha no último oceano, desconhecido por olhos humanos, Mashu arremessa às profundezas folhas chamuscadas falando das saudades, livros mofados sobre segredos matemáticos descobertos séculos antes do previsto. Livra-se tanto do que precisa ser esquecido quanto de todos os sólidos tragicamente desmanchados ao vento.

Seus muitos olhos leem uma, depois duas, depois dez de uma vez, mas não adianta. As possibilidades escorrem entre os dedos como o pó de todos os ossos. É quase com raiva que ele sequer permite que as últimas tabuletas dos impérios caídos, as confissões dos que morreram anônimos e os tratados dos inventores azarados sejam guiadas aos templos da lembrança, exigindo que aqueles que não conseguiu ajudar em vida ao menos tenham no descanso em paz a última dignidade.

Entre tantos *eu te amo*, ou *ofereço essa oportunidade*, ou *me desculpe*, ou *enfim descobri o que tanto procurava* ou *adeus*, a labuta é guiada pela profunda noção de que o fim está longe. Não importa quantos papéis puxe das profundezas do peito, andando entre as colunas empoeiradas do último templo da terra, muito além da humanidade, o santo sabe que as cartas não acabam - o que é esquecido supera, pra sempre, o que é lembrado.

Ele não anda longe. Para, como em cada dia de tantos milênios, na frente do monolito que um dia demarcou uma entrada. Como encarou tantas vezes, ao ponto de não se lembrar mais com quais números sequer contaria, Mashu encara as ilustrações escavadas por mãos perdidas no tempo. Vê a figura gasta, bem ao centro, rodeada por mãos diferentes das dele. Sua imagem.

Ele não se lembra de quem o santificou. Quem ergueu o templo. Quando vieram, quando foram embora, quando o sepultaram ou quais eram os seus nomes. Não se lembra se eram, como ele, tão distantes da forma humana, feitos das mesmas sombras tão pretas e ossos tão brancos. Não se lembra de quem

lhe deu o robe imaculado que cobre seu corpo, escondendo o buraco sem fundo que tem no lugar do coração, para onde todas as palavras esquecidas vão.

A frustração, todo dia, é interrompida. Mashu nunca consegue espaço para tentar decifrar o que significam as palavras nas paredes, escritas em línguas das quais nem ele se lembra. As palavras novas chegam, e o papel o corta de dentro pra fora, marcando sua presença e sua sacra responsabilidade. O trabalho nunca acaba.

Cansado, ele abre mais uma, extremamente recente, com as manchas do éter sagrado de seus ferimentos ainda frescas nas bordas. Ele lê a carta inteira, voltando a sentar- -se em seu precipício particular.

Ari,

Eu te amo.

Não tenho palavras pra dizer o quanto, e não tenho medida pra dizer o quanto me envergonha não ter te dito isso até agora, tão perto da sua partida.

Fui cruel comigo mesma e com você. Achei que isso poderia ser temporário, um amor de verão, mas não aguento mais me enganar com essa mentira. Sonho com você todo dia, e choro toda noite pensando que posso não te ver de novo.

Me chame de egoísta se quiser, mas eu nunca tive tanta certeza assim antes. São os seus beijos que eu quero, seus abraços, seu cheiro, seu sorriso, seu tudo.

Sei que não posso te impedir de ir. Não seria justo. Mas esses meses com você foram os melhores da minha vida. Eu daria tudo para que todos os outros fossem iguais.

Hanna.

É uma brisa no lugar errado. Uma força descuidada ao levantar a bolsa, uma falta de atenção momentânea, e a carta colocada sorrateira e rapidamente em um bolso externo da mochila de viagem cai, sem ser vista por ninguém, desaparecendo logo abaixo da plataforma de trem.

A vida de Mashu, como a das cartas, é de possibilidades. No horizonte, infinito e eterno, ele vê todas as formas que as palavras tomam.

Nenhuma chega pra ele. Todos os remetentes já sumiram. Mas ele não sente remorso por isso. Não há motivo.

Essa carta não vai ao mar. Mashu, com o carinho que as mãos seguram uma pena, move o mundo inteiro em um único milímetro. O papel não desliza pra fora da plataforma, e os olhos de um estranho, que nada tem a ver com nada, capturam a queda da carta. A compaixão em seu coração é trocada de lugar, e algum pequeno detalhe, a cor de uma peça de roupa ou um penteado distinto, é afixado na memória. É o suficiente para que um funcionário, com a descrição, encontre a dona da correspondência perdida.

É um detalhe fora do seu controle se a leitora abre a carta. Qual sua reação. Se os outros mistérios do mundo lhe permitiriam ou não o amor. Talvez elas se reencontrem, e talvez não. Tais responsabilidades são da alçada de outros santos, afinal.

Um fatídico dia, sem explicação, as cartas acabarão, e Mashu seguirá o destino das palavras esquecidas no fundo do precipício. Enquanto pode, entretanto, o Santo continua movendo as palavras.

No fundo, são apenas pequenos pedaços de papel. Tinta sobre celulose e pele animal, incisões feitas em cerâmica e minério, eletricidade percorrendo cobre e ouro. No grande esquema, todas são pequenas. Partículas de informação esperando sua vez para retornarem às águas primordiais da existência.

Mesmo assim, a milhares de quilômetros de distância, Ari sorri ao ler a carta, com pequenas lágrimas se acumulando nos cantos dos olhos, minutos antes de arrancar suas malas e sair correndo do trem. E Mashu, em um momento ainda a ser perdido entre a história humana, sorri junto dela, após algumas poucas palavras serem postas em seu lugar certo.

PARA BERNARDO DRUMMOND, COM AMOR E SENSIBILIDADE

GABRIEL MARTINS

ESTUDANTE DE LETRAS, ESCRITOR DE CONTOS DE FICÇÃO
EM GERAL E COM ENFOQUE EM PERSONAGENS LGBTQ+.
PARTICIPA DE PODCASTS SOBRE LITERATURA, O ESTAÇÃO
21 E O BALADAS DE NÁRNIA.

•

Ei, eu nem acredito que esse será nosso último e-mail antes do grande dia. Nosso romance epistolar moderno está prestes a ter uma reviravolta. Eu sei que você já sabe, mas eu queria relembrar nossa história aqui, quem sabe você não a publica um dia? Talvez ninguém aceite publicar todos os nossos mais de 100 e-mails que trocamos no último ano, afinal é muita coisa, mas como esse é um e-mail especial poderia ser legal que ele fosse publicado. Eu ao menos gostaria.

E tudo isso, essa brincadeira de flertar como um romance vitoriano, começou justo por causa do web clube do livro, aquele que nem existe mais hoje em dia, que discutia os livros de Jane Austen. Eu nem

lembro se já te contei como eu entrei pro clube, foi bem aleatório na verdade, eu tinha acabado de ler *Emma* e estava procurando desesperadamente por algum vídeo ou podcast que discutisse o livro. Eu tive sentimentos conflitantes com essa leitura, não sei se gostei, apesar de Jane Austen ser uma das minhas autoras favoritas. Achei o grupo do clube no Facebook e entrei. A primeira postagem que vi era sua, e você falava muito mal do meu *ship* favorito da vida Sr. Darcy e Elizabeth Bennet de *Orgulho e Preconceito*, fiquei ultrajado, como diria Lizie, mas daí li seus apontamentos e você argumenta muito bem, concordei em partes, vi também sua foto de perfil e não vou mentir que *crushei* na hora.

E desde aquele momento fiquei ansioso para a primeira reunião do clube do livro em que eu estaria e você também é claro. Foi uma chamada de áudio em grupo, sua voz era tão fofa, fiquei encantado. Eu fui anotando mentalmente tudo o que você dizia, precisava achar algo em comum para poder puxar conversa com você, aí você disse que desenhava, e eu desenho também. Pronto era isso, já tinha um motivo para falar com você.

O clube do livro tinha um grupo no *WhatsApp* também, comecei a interagir mais lá, inclusive com você. Um dia você falou sobre qual lápis você gostava mais para desenhar, e eu tomei coragem e te mandei mensagem falando disso, que eu também desenhava e o resto você deve lembrar, nossa conversa rendeu tanto, não só aquele dia, mais os subsequentes também. Achamos muitos gostos em comum, mas muitos gostos divergentes, o que fez tudo ficar mais interessante, aos poucos fui conhecendo sua personalidade e você a minha.

Os meses se passaram e eu só pensava em você mais e mais, porém ainda considerava só uma amizade. Tinha muito medo de me entregar demais, medo de dar tudo errado depois, ou ainda medo que estivesse interpretando mal os sinais e você não estivesse de fato flertando comigo todo esse tempo. Mas aí eu percebi que era tarde, já não adiantava, já estava tão envolvido. Guardei para mim, não queria aparentar estar criando expectativas, mas por dentro estava sofrendo muito. Isso eu nunca te contei mas foram muitas as noites nessa época em que eu passei chorando até adormecer.

Mas como você bem lembra, por essa época eu te convidei para assistirmos algo juntos, um filme acho, por chamada de áudio. Tudo mudou após isso, pois apesar de estarmos longes eu comecei a sentir que você estava ao meu lado e cada dia, a cada encontro virtual, me sentia mais próximo e aquela barreira que ainda tinha entre nós se dissipou, os flertes se intensificaram assim como os elogios. Você lembra as piadas e cantadas horríveis que você fazia? Eu amava é claro, pois me faziam rir.

Aí eu comecei a perceber que de fato tínhamos algo, comecei a parar de sofrer em silêncio pois percebi que não adiantava sofrer por coisas que eu nem sabia como iriam acontecer, por que ter medo de me entregar? Quando eu já me entreguei há muito tempo, eu gosto muito de você e só isso deveria importar.

E então numa noite em que você tinha me ligado, conversamos por horas e no final você disse uma frase tão pequena mas que me marcou tanto. Você já me chamava de “amor”, e sempre dizia “eu te adoro” e eu já tinha entendia que você gostava de mim de verdade, assim como eu gosto de você, mas

ao eu ouvir o primeiro “eu te amo” foi uma sensação de flutuar em meus sonhos mais doces e serenos, uma alegria que vinha de dentro aquecendo meu corpo e arrepiando cada parte dele. Eu fiquei sem palavras, meu coração disparava eu ouvia sua respiração também acelerada e só consegui responder “eu te amo também”.

Na hora me bateu um desespero, será que eu amo mesmo? Tipo amar de verdade? Como saber? Eu nunca tinha sentido isso antes, nunca tinha me permitido sentir isso, mas meu coração acelerado respondeu por mim, eu já estava indescritivelmente apaixonado por você. E saber que você também sentia isso fez meu mundo girar em outra direção, como diz aquela música de Elton John *“How wonderful life is now you are in the world...”* isso faz tanto sentido, você está no meu mundo, você faz parte da minha história e eu amo isso, eu amo estar apaixonado por você. Após isso você me pediu em namoro e eu aceitei, como não aceitar?

E aí logo depois disso começamos a trocar cartas, pois você disse em uma noite que se sentia uma lady aristocrata que vivia um romance epistolar

com um belo cavalheiro, que estavam separados por milhas e trocavam cartas compulsivamente. Daí eu inventei de mandar um e-mail e você entrou na brincadeira, agora virou uma tradição, ainda nos falamos muito mais pelo whats e por chamadas de vídeo ou áudio, mas ainda trocamos e-mails, pelo menos uma vez na semana. Às vezes é a melhor parte do meu dia, escrever para você me faz tão bem.

Mas não é sempre tão fácil namorar à distância, e você sabe assim como eu o quão é difícil. Me sinto numa montanha russa emocional, os dias que consigo ligar para você e conversamos são incríveis, me deixam tão feliz, sua companhia me deixa muito bem. Porém tem dias que eu lembro o quão distantes estamos, ou quando algo incrível acontece comigo e você não está ao meu lado vivendo aquilo, me deixa mal, queria poder compartilhar momentos com você, queria viver com você, tudo o que eu mais quero é você ao meu lado. Eu me pego encarando o vazio e imagino você ali, quando estou andando na rua visualizo você virando a esquina e me encontrando e eu te abraço tão forte, mas aí eu vejo que não é real, ainda, e isso me deixa muito triste.

Nesses dias eu só secava minhas lágrimas no meu travesseiro e pensava que o mais importante é que você estivesse bem, nossa promessa de nos encontrarmos iria acontecer, um dia ela viria, e ela veio, ainda não consigo compreender que eu vou te ver amanhã, depois de quase um ano. Finalmente o dia chegará, eu não faço ideia de qual será minha reação, se vou sorrir ao te ver ou se vou chorar, ou os dois ao mesmo tempo. Mas estou ansioso para descobrir, quero tanto poder te abraçar, te beijar, por tanto tempo estou querendo isso. E só faltam algumas horas... como vou conseguir dormir?

Amanhã de manhã eu vou pegar o avião, dessa vez eu não quero que você responda esse e-mail, quero que guarde cada palavra em seu coração e as diga olhando em meus olhos, porque é só isso que eu quero de verdade, poder olhar para você, quero poder estar tão próximo que eu serei capaz de me enxergar dentro da sua pupila. Talvez um exagero? Talvez, mas como você me disse uma vez e como você prometeu uma vez: *“O dia em que eu te encontrar, vou te abraçar tão forte que não vou te largar mais”*.

Não sei como será depois, se iremos voltar a escrever por esse meio, afinal a única pessoa com a qual eu faria isso é você, pois eu só escrevo para você. Você me inspira artisticamente, emocionalmente e romanticamente. Você é a razão dos meus sonhos e temores porque tudo isso me dá um pouco de medo, tantas incertezas e tantas possibilidades, mas quero enfrentar isso junto de você pois eu te amo.

Até amanhã,

Com amor do seu namorado,

Miguel Galiza

HOJE EU DECIDI QUE TE AMO

ISADORA GAZZI FORESTI

ESCRITORA DE CONTOS E DE POESIA, SEMPRE MISTURANDO
A REALIDADE E AQUILO QUE NÃO FAZ TANTO SENTIDO
ASSIM. ESTUDANTE DE LINGUAGENS E LITERATURA EM
ESTRASBURGO E MEMBRO DO GRUPO DE ESCRITA CRIATIVA
AUTORES ANÔNIMOS.

TW: suicídio, doença terminal.

•

Hoje, eu decidi que te amo. Que esse sentimento bom que dá no meu peito quando você me conta que levou seu cachorro pra passear é amor. Que a felicidade que eu sinto com o seu sotaque é amor. Que todo o resto é amor. Então eu decidi: eu te amo. Amor romântico mesmo, desse de beijar na chuva, transar a noite inteira e passear de mãos dadas. Decidi que eu te amava depois de ver um filme. O filme não era romântico, mas me fez lembrar que esperar é parte da vida, e parece que eu não tenho esperado muito por nada mais depois de um tempo. Esperar, com raiz

em esperança, com os galhos e as folhas em expectativas. Esperar sem necessariamente chegar, que nem aquela carta sua. Que nem eu, que estou indo te visitar qualquer dia desses. Esperar você que está tão longe, e você me esperar de volta. Amor é esperar também. E espera-se ainda mais quando se está esperando, espera-se fundo, com vontade, com desejo, com desespero. Hoje eu decidi que te amo, e por isso, que eu estou te esperando. Então, a partir de hoje eu não espanto mais os pensamentos de nós, não espanto mais as memórias de um abraço quente que provavelmente nunca existiu, não espanto as promessas nem os devaneios, não espanto que vou te dedicar meu primeiro livro, não espanto que você é minha musa, não espanto que um de nós provavelmente vai ter uma morte trágica para que isso seja uma boa história de amor. Foi sobre isso o filme, sobre uma morte trágica. Era mais um documentário que um filme, inclusive. Achei estranho fazerem um documentário sobre uma história de amor. Nesse caso, eu me senti a Alfonsina del Mar, com problemas nos nervos desde sempre - o mal do poeta. E você seria o Quiroga. Na verdade, os dois se matam e não importa

muito quem é quem. A gente pode trocar se você quiser.

No filme, eu achei estranho que eles cortaram todas as esperas e só deixaram os momentos - como se o amor fosse feito só desses momentos, sem nenhuma linha para ligá-los. Eu digo que o amor é mais uma linha: um novelo de lã feito de remendos que vai mudando de cor e de textura conforme se desenrola. Ainda não decidi uma cor nem uma textura pro nosso novelo. Acho que vai ter que ser roxa, porque você gosta de roxo. A textura vai ser bem fofinha, acho. E ainda não decidi o que eu vou fazer com essa lã. Por enquanto, eu espero.

Quando digo que espero, não espero de você. Espero sempre com você, e isso faz toda a diferença. Esperamos como se estivéssemos numa sala de espera do médico que entrega o diagnóstico da doença que nos mata: qual de nós vai primeiro? qual de nós tem um fim mais trágico? Esperamos, eu e você, mas um de nós chega lá primeiro. Foi assim com o nosso amor: eu cheguei primeiro. Decidi hoje que te amo, cheguei. Mas continuo: esperamos de mãos dadas. Não sei ainda

o que fazemos agora. Não cheguei nesse momento ainda, nesse quase agora.

Sempre quando eu espero, eu pareço esperar de trás pra frente. Espero o nosso fim primeiro. Eu boiando na água, dramática. Ou você boiando na água também, se você quiser. De qualquer jeito, dramático. Depois imagino um final alternativo: nossa velhice. Eu com um vestido longo de chita. Você também, se você quiser. Então volto para mais cedo. Não imagino casamento, porque nem sei se eu quero me comprometer com a ideia do casar. Imagino a gente num fim de tarde, lendo na biblioteca da nossa casa e você tira da estante um dos meus livros. Na dedicatória está escrito: para você. Você sorri pra mim e insiste em me lembrar que eu fiz tudo aquilo sozinha, nada foi você. Mas eu sei que foi e, com um sorriso bobo no rosto, te chamo de idiota. Pego o livro de volta e vejo que uns três contos ali dentro são seus, no mínimo. Não comento, você acha esse negócio de musa uma breguice sem limites e já cansou de ouvir que você me inspira. Volto agora pro nosso aniversário de um ano: eu comprei as suas flores favoritas e você comprou as minhas. A gente se encontra com uma

risada óbvia e troca as flores. Você me escreveu um poema e é a primeira vez que alguém me escreve um poema, você o lê em voz alta e eu fico sem graça, mas acho que deveria estar chorando. Você fala que não precisa, que é um poema feliz. Eu te escrevi uma coisinha também, uma carta falando da gente em terceira pessoa como se fosse um narrador onisciente narrando - eu sei que você gosta de narrador onisciente porque você sempre escreve assim. Você também acha que deveria chorar, mas a carta é feliz, porque nada trágico aconteceu com a nossa história ainda. É o começo, mal tivemos a nossa primeira briga - isso se não contar nossas discussões de todo café da manhã que às vezes a gente começa mesmo concordando. Aí eu imagino o dia uma semana depois que você chega onde eu cheguei hoje. Você me manda uma mensagem, ou me liga, como você preferir. Como é a minha espera, eu prefiro que você escolha ligar. Ou mandar um áudio, porque dá pra marcar com estrelinha e reescutar. E a gente decide ficar junto, apesar dos pesares. Um dos pesares pode ser a distância e a própria espera, que faz o amor cansar. Outro pesar pode ser o peso que um relacionamento

tem e que talvez você não queira carregar, ou que eu talvez não queira carregar. Um dos pesares pode ser que a gente não dê certo. Mas por enquanto, é tudo tão lindo, tão trágico, tão intenso, tão apaixonante e tão inspirador. E eu espero, apesar dos pesares.

Mas apesar dos pesares, eu não te amo. Não amar assim de beijar na chuva, transar a noite toda e andar de mãos dadas. Hoje eu decidi que te amo, mas isso é hoje. Amanhã eu me satisfiz de esperar: esperei tanto que me encheu de esperança. Transbordei. Amanhã posso até te amar sim, mas assim? Não, assim não amo mais.

ARTISTAS NÃO PRECISAM SER LOBOS SOLITÁRIOS.

Agradecemos as contribuições originais de Antonio Ferreira, Deborah Pereira, Gabriel Martins, Isadora Gazzi Foresti, L. M. Golizia, Lucas Serralvo Lopes, Maria Carolina Rodrigues, Maria Clara Lacerda, Renan Enrique dos Santos, Thainá Carvalho e esperamos continuar produzindo e publicando juntos!

Envie seu original no próximo edital de submissões e faça parte da Alcateia, produza e publique coletivamente.



DICIONÁRIO FELINO

UMA PROPOSTA CRIATIVA

•

Fala, Claus!

Como você está? Espero que tudo bem! Seguinte, escrevi o Textando para a edição #5 e queria saber se você não poderia fazer um Texte (sim, acabei de pensar no termo hahhah). Depois me conta o que achou do exercício.

No momento em que este Textando começou a ser escrito, a população mundial chegava a 7.823.433.272 pessoas, de acordo com o Worldometers – real world time statistics. Esse número de difícil leitura pode trazer diferentes conclusões a diferentes pessoas, mas, para essa reflexão, é importante destacar o seguinte: ele é imenso, há muitas pessoas vivas neste momento.

Sendo assim, quando se é artista, não é difícil que uma criação compartilhada ou publicada encontre pessoas diferentes de você. É tarefa bem fácil porque, como já mostramos, há pelo menos 7.823.435.519 pessoas diferentes de você vivendo no planeta Terra (sim, o número aumentou esse tanto um parágrafo depois). Cada uma carregando suas visões de mundo, suas experiências, suas relações, seus interesses; cada uma carregando um +1 na contagem gigantesca.

Mas quão grande pode ser a diferença entre quem cria e quem lê? Geralmente, há alguma semelhança entre os dois, é preciso que a comunicação entre eles seja possível, claro, e espera-se que pelo menos alguns de seus interesses sejam os mesmos. A questão é que o público-alvo das obras é quase sempre o mesmo, raramente há uma grande experimentação para quem uma obra é destinada.

Nesse sentido, o Textando dessa edição vem justamente para testar os limites dessa diferença, explorar a capacidade de quem cria de fingir para quem cria. A proposta é fazer uma narrativa, um poema, uma ilustração, enfim, uma produção de um verbete de dicionário, criando a definição de um item

para um leitor específico entender do que ele se trata. Se você for fazer um verbete de um Dicionário Felino, precisa fazer uma explicação que faça sentido para um gato.

Na próxima página, fizemos algumas sugestões de coisas a serem definidas e para quem essa definição é destinada. Fomos ao extremo, colocando, além de leitores humanos, leitores objetos e animais. Pode escolher qualquer número, sortear ou até imaginar itens e destinatários diferentes! Extrapole a criatividade!

Defina:

1. computador para um gato;
2. medo para uma janela;
3. você mesma(o) para uma pessoa desconhecida;
4. CPF para uma abelha;
5. o som de um espirro para uma pessoa surda;
6. salário para uma criança;
7. arco-íris para um extraterrestre;
8. felicidade para seu eu de 5 anos atrás;
9. e-mail para uma carta;
10. esporte para uma planta;

11. uma mensagem visualizada e não respondida para uma pessoa do século XIX;
12. bambolê para um robô;
13. casamento para um cachorro;
14. a cor laranja para uma pessoa cega;
15. gravidez para uma bactéria.

Obrigado e qualquer coisa me chama!

Vinícius E. Russi

UM “TEXTE” DE EXEMPLO E UM COMENTÁRIO SOBRE A EXPERIÊNCIA:

Oi, Vini, tudo bem?

Segue o exemplo que pensei para o Textando desta edição!

Imagine o calorzinho do fim de tarde em uma primavera particularmente agitada. Não há piscina, mas nos deitamos na grama para nos banharmos nos raios oblíquos do sol. Há um cheiro cítrico no ar, um tom de frescor ou umidade talvez.

Pego sua mão e posiciono seus dedos para sentir a inconstância do mundo, os relevos incertos que formam uma música em ré. Nos reconfortamos no desejo acalentado e suprido, no poder de uma vontade satisfeita, de uma fome sanada.

Temos o que precisamos – nem mais, nem menos. O calor é suficiente, assim como o frescor. Nos recolhemos em nós mesmos para entender a fusão da

paixão e da alegria. O chão em que deitamos é levemente inclinado e uma brisa morna dança sobre nós.

Estamos vivendo aqui o contentamento que precede o descanso. Respiramos fundo, enchendo os pulmões com esse ar na temperatura ideal. Temos tudo na medida certa.

Usei o prompt “explicar a cor laranja para uma pessoa cega”. Pensei em tudo que o laranja me faz sentir, imaginei uma cena e tentei descrevê-la o máximo possível sem usar qualquer informação visual - no final, me espantei de ter chegado tão perto. Foi divertido escrever esse texto e fui tomado por um contentamento muito grande, quase como se a cor tivesse se (res)significado e pousado sobre mim! Adorei o exercício!

Abraços,

Claus A. Corbett

Esse ano foi muito
melhor com vocês!
Obrigada por tudo,
lobinhos! até logo!

Julia Helena

Obrigada!
É sempre uma
honra chamar
vós de minha
Alcatia! ♡ ♡

Galhardo

Obrigada e
tudo de bom p/
nós, lobinhos! ♡

Su

Que delícia fazer parte
disso! Obrigada por
tudo, Alcatia!

Claus

Fico muito
emocionada,
seio mesmo,
Alcatia! ♡

Paula

Muito obrigada,
lobinhos!
De coração ♡

Mari

Valer,
Lobinhos!

Vini

LICENÇA PÚBLICA CREATIVE COMMONS

ATRIBUIÇÃO-SEM DERIVAÇÕES 4.0

Ao exercer os Direitos Licenciados (definidos abaixo), Você aceita e concorda estar sujeito aos termos e condições desta Licença Pública Creative Commons Atribuição-Sem Derivações 4.0 Internacional ("Licença Pública"). Na medida em que esta Licença Pública possa ser interpretada como um contrato, Você recebe os Direitos Licenciados em contrapartida pela Sua aceitação destes termos e condições, e o Licenciante concede-Lhe tais direitos em contrapartida pelos benefícios que o Licenciante recebe por disponibilizar o Material Licenciado sob estes termos e condições.

Cláusula 1 - Definições.

1. **Material Adaptado** significa material sujeito a Direito de Autor e Direitos Similares que é derivado de ou baseado no Material Licenciado e no qual o Material Licenciado é traduzido, alterado, arranjado, transformado, ou de outra forma modificado de uma maneira que requeira permissão com base no Direito de Autor e Direitos Similares detidos pelo Licenciante. Para os fins desta Licença Pública, quando o Material Licenciado seja uma obra musical, performance, ou fonograma, é sempre produzido Material Adaptado quando o Material Licenciado é sincronizado em relação temporal com uma imagem em movimento.
2. **Direito de Autor e Direitos Similares** significa direito de autor e/ou direitos similares estreitamente relacionados com o direito de autor, incluindo, mas não se limitando a, direitos de execução, radiodifusão, fixação de sons, e Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados, independentemente de como sejam classificados ou categorizados. Para os fins desta Licença Pública, os direitos especificados na Cláusula [2\(b\)\(1\)-\(2\)](#) não são Direito de Autor e Direitos Similares.

3. **Medidas Eficazes de Caráter Tecnológico** significam aquelas medidas que, na ausência de direito para tanto, não podem ser contornadas em jurisdições cumprindo obrigações sob o Artigo 11 do Tratado da OMPI de Direito de Autor adotado em 20 de dezembro de 1996, e/ou acordos internacionais similares.
4. **Exceções e Limitações** significam utilização justa (“fair use”), tratamento justo (“fair dealing”), e/ou qualquer outra exceção ou limitação ao Direito de Autor e Direitos Similares que se aplique à Sua utilização do Material Licenciado.
5. **Material Licenciado** significa o trabalho artístico ou literário, base de dados, ou outro material ao qual o Licenciante aplicou esta Licença Pública.
6. **Direitos Licenciados** significam os direitos concedidos a Você sujeitos aos termos e condições desta Licença Pública, que são limitados a todos os Direitos de Autor e Direitos Similares que se apliquem à Sua utilização do Material Licenciado e que o Licenciante tem o direito de licenciar.
7. **Licenciante** significa o(s) indivíduo(s) ou entidade(s) concedendo direitos sob esta Licença Pública.
8. **Compartilhar** significa fornecer material ao público por qualquer meio ou processo que requeira permissão sob os Direitos Licenciados, como reprodução, exibição pública, execução pública, distribuição, disseminação, comunicação ou importação, e disponibilizar material ao público, incluindo por vias pelas quais os membros do público possam ter acesso ao material a partir de um local e no momento individualmente escolhidos por eles.
9. **Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados** significam outros direitos, que não o direito de autor e direitos conexos, resultantes da Diretiva 96/9/EC do Parlamento Europeu e do Conselho de 11 de Março de 1996 sobre a proteção legal de bases de dados, conforme emendada e/ou sucedida, bem como outros direitos essencialmente equivalentes em qualquer lugar do mundo.
10. **Você** significa o indivíduo ou entidade que exerce os Direitos Licenciados sob esta Licença Pública. **Lhe, Seu, Sua e Suas** têm um significado correspondente.

Cláusula 2 - Âmbito.

1. **Concessão da licença.**

1. De acordo com os termos e condições desta Licença Pública, o Licenciante concede-Lhe, pelo presente, uma licença mundial, isenta de royalties, não sublicenciável, não exclusiva, e irrevogável para exercer os Direitos Licenciados sobre o Material Licenciado para:
 1. reproduzir e Compartilhar o Material Licenciado, no todo ou em parte; e
 2. produzir e reproduzir, mas não Compartilhar, Material Adaptado.
2. Exceções e Limitações. Para evitar dúvidas, quando Exceções e Limitações sejam aplicáveis à Sua utilização, esta Licença Pública não se aplica, e Você não precisa de cumprir com os seus termos e condições.
3. Termo. O termo desta Licença Pública está especificado na Cláusula 6(a).
4. Meios/suportes e formatos: modificações técnicas permitidas. O Licenciante autoriza Você a exercer os Direitos Licenciados em todos os meios/suportes e formatos conhecidos agora ou criados posteriormente, e a fazer as modificações técnicas necessárias para tanto. O Licenciante cede e/ou concorda em não reivindicar nenhum direito que proíba Você de fazer modificações técnicas necessárias ao exercício dos Direitos Licenciados, incluindo modificações técnicas necessárias para contornar Medidas Eficazes de Caráter Tecnológico. Para os fins desta Licença Pública, fazer simplesmente modificações autorizadas por esta Cláusula 2(a)(4) nunca produz Material Adaptado.
5. Receptores subsequentes.
 1. Oferta pelo Licenciante – Material Licenciado. Cada receptor do Material Licenciado recebe automaticamente uma oferta do Licenciante para exercer os Direitos Licenciados sob os termos e condições desta Licença Pública.
 2. Sem restrições subsequentes. Você não pode propor ou impor quaisquer termos

ou condições, adicionais ou diferentes, ou aplicar quaisquer Medidas Eficazes de Caráter Tecnológico, sobre o Material Licenciado, se tal restringir o exercício dos Direitos Licenciados por qualquer receptor do Material Licenciado.

6. Sem endosso. Nada nesta Licença Pública constitui ou pode ser entendido como uma permissão para afirmar ou sugerir que Você, ou que a Sua utilização do Material Licenciado, é conectado ao, patrocinado ou endossado pelo, ou tem status oficial concedido pelo, Licenciante ou terceiros designados para receber atribuição como previsto na Cláusula [3\(a\)\(1\)\(A\)\(i\)](#).

2. Outros direitos.

1. Direitos morais, como o direito à integridade, não são licenciados por esta Licença Pública, nem o são os direitos de imagem, privacidade, e/ou outros direitos de personalidade similares; contudo, na medida do possível, o Licenciante renuncia e/ou concorda não exercer quaisquer desses direitos detidos pelo Licenciante, na medida necessária para permitir que Você exerça os Direitos Licenciados, mas não de outra forma.
2. Direitos de patente e marcas não se encontram licenciados sob esta Licença Pública.
3. Na medida do possível, o Licenciante renuncia a qualquer direito de cobrar-Lhe royalties pelo exercício dos Direitos Licenciados, quer diretamente quer por meio de uma entidade de gestão coletiva, sob qualquer regime de licenciamento voluntário ou legal, disponível ou compulsório. Em todos os outros casos, o Licenciante reserva expressamente o direito de arrecadar tais royalties.

Cláusula 3 – Condições da Licença.

O Seu exercício dos Direitos Licenciados fica expressamente sujeito às condições seguintes.

1. Atribuição.

1. Se Você Compartilhar o Material Licenciado, Você deve:
 1. manter o seguinte, se for fornecido pelo Licenciante com o Material Licenciado:
 1. identificação do(s) criador(es) do Material Licenciado e quaisquer outros designados para receber atribuição, de qualquer forma razoável solicitada pelo Licenciante (incluindo por pseudônimo, se designado);
 2. um aviso de direito de autor e direitos conexos;
 3. um aviso que se refere a esta Licença Pública;
 4. um aviso que se refere à exclusão de garantias;
 5. um URI ou um hyperlink para o Material Licenciado na medida razoavelmente exequível;
 2. indicar se Você modificou o Material Licenciado e manter uma indicação de quaisquer modificações prévias; e
 3. indicar que o Material Licenciado é licenciado com esta Licença Pública, e incluir o texto de, ou o URI ou o hyperlink para, esta Licença Pública.
2. Para evitar dúvidas, Você não tem permissão sob esta Licença Pública para Compartilhar Material Adaptado.
3. Você pode satisfazer as condições da Cláusula [3\(a\)\(1\)](#) de qualquer forma razoável, tendo em conta o suporte, os meios e o contexto no qual Você Compartilhar o Material Licenciado. Por exemplo, pode ser razoável satisfazer as condições

por via do fornecimento de um URI ou de um hyperlink para um recurso que inclui a informação exigida.

4. Se solicitado pelo Licenciante, Você deve remover qualquer parte da informação exigida pela Cláusula [3\(a\)\(1\)\(A\)](#) na medida razoavelmente exequível.

Cláusula 4 – Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados.

Quando os Direitos Licenciados incluam Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados que se apliquem à Sua utilização do Material Licenciado:

1. para evitar dúvidas, a Cláusula [2\(a\)\(1\)](#) concede-Lhe o direito de extrair, reutilizar, reproduzir e Compartilhar a totalidade ou uma parte substancial dos conteúdos da base de dados, desde que Você não Compartilhe Material Adaptado;
2. se Você incluir a totalidade ou uma parte substancial dos conteúdos da base de dados numa base de dados em relação à qual Você tenha Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados, então a base de dados em relação à qual Você tenha Direitos Sui Generis sobre Bases de Dados (mas não os seus conteúdos individuais) é Material Adaptado; e
3. Você deve cumprir com as condições da Cláusula [3\(a\)](#) se Você Compartilhar a totalidade ou uma parte substancial dos conteúdos da base de dados.

Para evitar dúvidas, esta Cláusula [4](#) suplementa e não substitui as Suas obrigações sob esta Licença Pública, quando os Direitos Licenciados incluam outro Direito de Autor e Direitos Similares.

Cláusula 5 – Exclusão de Garantias e Limitação de Responsabilidade.

1. **Salvo se o Licenciante fizer separadamente uma assunção em sentido contrário, na medida do possível, o Licenciante disponibiliza o Material Licenciado “no estado em que se encontra” (“as-is”) e “como disponível” (“as-available”), e não faz representações**

ou presta garantias de qualquer tipo relativamente ao Material Licenciado, quer sejam expressas, implícitas, legais ou outras. Isto inclui, mas não se limita a, garantias quanto à titularidade de direitos, potencial de comercialização, adequação a um fim específico, não violação de direitos, ausência de defeitos latentes ou outros defeitos, exatidão, ou existência ou ausência de erros, quer sejam ou não conhecidos ou detetáveis. Quando as exclusões de garantias não sejam permitidas, na íntegra ou em parte, esta exclusão poderá não aplicar-se a Você.

- 2. Na medida do possível, em nenhum caso será o Licenciante responsável para com Você, com base em nenhum argumento jurídico (incluindo, mas não se limitando a, negligência) ou a outro título, por quaisquer perdas, custos, despesas ou danos, diretos, especiais, indiretos, incidentais, consequenciais, punitivos, exemplares ou outros, resultantes desta Licença Pública ou da utilização do Material Licenciado, ainda que o Licenciante tenha sido advertido da possibilidade dessas perdas, custos, despesas ou danos. Quando a limitação de responsabilidade não seja permitida, na íntegra ou em parte, esta limitação poderá não aplicar-se a Você.**

3. A exclusão de garantias e a limitação de responsabilidade acima previstas devem ser interpretadas de uma forma que, na medida do possível, mais se aproxime de uma absoluta exclusão de, e renúncia a, toda e qualquer responsabilidade.

Cláusula 6 – Termo e Cessação.

- 1. Esta Licença Pública aplica-se durante o termo do Direito de Autor e Direitos Similares aqui licenciados. No entanto, se Você não cumprir com esta Licença Pública, então os Seus direitos sob esta Licença Pública cessarão automaticamente.**
- 2. Quando o Seu direito de utilizar o Material Licenciado tenha cessado nos termos da Cláusula 6(a), será restabelecido:**

1. automaticamente a partir da data em que a violação seja sanada, desde que seja sanada dentro de 30 dias a contar da Sua descoberta da violação; ou
 2. com o expresse restabelecimento pelo Licenciante.
3. Para evitar dúvidas, esta Cláusula 6(b) não afeta qualquer direito que o Licenciante possa ter de obter reparação e medidas legais cabíveis pelas Suas violações desta Licença Pública.
 4. Para evitar dúvidas, o Licenciante também poderá disponibilizar o Material Licenciado sob termos ou condições separados ou parar a distribuição do Material Licenciado a qualquer momento; no entanto, tal não cessará esta Licença Pública.
 5. As Cláusulas 1, 5, 6, 7, e 8 continuarão em vigor após a cessação desta Licença Pública.

Cláusula 7 – Outros Termos e Condições.

1. O Licenciante não estará vinculado a quaisquer termos ou condições, adicionais ou diferentes, comunicados por Você, salvo se expressamente acordado.
2. Quaisquer pactos, entendimentos ou acordos relativamente ao Material Licenciado não indicados aqui são separados e independentes dos termos e condições desta Licença Pública.

Cláusula 8 – Interpretação.

1. Para evitar dúvidas, esta Licença Pública não reduz, limita, restringe ou impõe condições sobre qualquer utilização do Material Licenciado que possa ser legalmente feita sem a permissão concedida por esta Licença Pública, e não deve ser interpretada nesse sentido.
2. Na medida do possível, se alguma disposição desta Licença Pública for considerada inexecutável, será automaticamente reformada na medida estritamente necessária para que se torne executável. Se a disposição não puder ser alterada,

deverá ser removida desta Licença Pública sem afetar a exequibilidade dos restantes termos e condições.

3. Nenhum termo ou condição desta Licença Pública será renunciado e nenhuma falha no seu cumprimento consentida, salvo se tal for expressamente acordado pelo Licenciante.

Nada nesta Licença Pública constitui ou pode ser interpretado como uma limitação de, ou renúncia a, quaisquer privilégios e imunidades aplicáveis ao Licenciante ou a Você, incluindo os resultantes dos processos legais de qualquer jurisdição ou autoridade.



Manana dia

14 HORAS
LAVANDERIA!

MINHA BLUSA É
DO CARLOS

TE VEJO NA

Filha,

Fritei o arroz na
geladeira e só
esquentar. Bjos

Clínica Lúcia
27/07/17

Dr. Oswaldo

CONFIRAR!!

P. M.
do futuro.
FA tudo dando
certo.

À minha querida irmã,
Pluto está bem.

Sempre estarei
com você.
Não importa o
que acontecer.



Sempre amigos!
17/02/18